

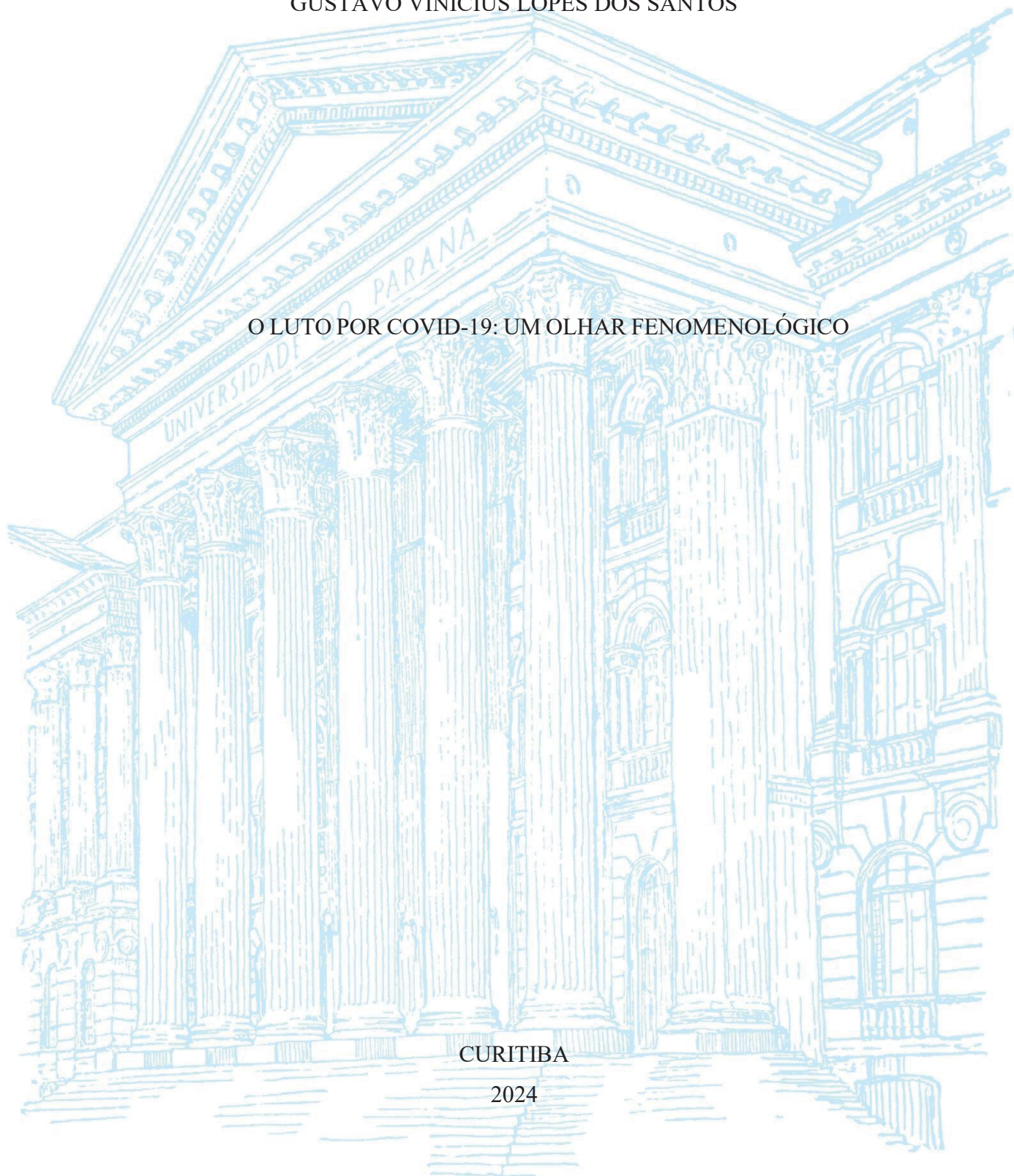
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUSTAVO VINICIUS LOPES DOS SANTOS

O LUTO POR COVID-19: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

CURITIBA

2024



GUSTAVO VINICIUS LOPES DOS SANTOS

O LUTO POR COVID-19: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Dra. Joanneliese de Lucas Freitas

CURITIBA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Santos, Gustavo Vinícius Lopes dos

O Luto por covid-19 : um olhar fenomenológico. / Gustavo Vinícius
Lopes dos Santos. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientadora: Profª. Drª. Joanneliese de Lucas Freitas.

1. Luto – Aspectos psicológicos. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-
3. Psicologia fenomenológica. 4. Fenomenologia. I. Freitas, Joanneliese
de Lucas, 1972-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de GUSTAVO VINICIUS LOPES DOS SANTOS intitulada: *O luto por covid-19: um olhar fenomenológico*, sob orientação da Profa. Dra. JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Outubro de 2024.

Assinatura Eletrônica

05/11/2024 08:45:36.0

JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/11/2024 09:45:31.0

LUCAS GUIMARÃES BLOC

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA)

Assinatura Eletrônica

02/11/2024 09:38:55.0

LUCIA CECÍLIA DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, por ter guiado o meu caminho até aqui.

Agradeço a minha mãe, Cristiane, que sempre esteve ao meu lado. Mãe, eu consegui!

Agradeço ao meu pai, Ednilson, que uma vez me disse: “piá! O não você já tem, corre atrás do seu sim”. Pai, obrigado!

Agradeço à minha irmã, Rafaela, e ao meu cunhado, Gabriel, que sempre me incentivaram!

Agradeço à minha noiva, Julia, que sempre me acolheu e esteve comigo. Obrigado, meu bem. A vida é muito melhor com você.

Agradeço a minha vó, Nice. Se a senhora não tivesse me levado todos os dias embaixo de sol à escola, eu não estaria aqui.

Agradeço à minha orientadora, Joanneliese, pelos ensinamentos.

Agradeço ao meu Professor amigo Nicolau, que me incentivou a pesquisar. Você se foi, mas uma parte sua continua em mim.

Agradeço aos meus colegas de pesquisa, que sempre me acolheram. Sem as contribuições de vocês, eu não conseguiria. Muito obrigado Larissa, Franciane, Loivo, Carolina, Lívia, Luciano, Camila, Janderson, Luísa e Nathalia, que me ajudaram em um momento crucial da minha pesquisa.

A todos os familiares e amigos que não pude citar aqui, mas que de algum modo contribuíram com a minha pesquisa. Sou grato por compartilhar a minha vida com pessoas tão caras como vocês. Gratidão.

RESUMO

A pandemia de COVID-19 se tornou a tônica mundial nos últimos anos. Milhares de pessoas perderam entes queridos que foram infectados pelo vírus SARS-COV-2 e tiveram que reconstruir suas vidas em um mundo totalmente diferente daquele que tinham até então. Sendo algo que aconteceu tão de repente, pesquisas a respeito dos mais variados assuntos que envolviam esta pandemia e seus atravessamentos tiveram de ser produzidas às pressas, para que todos tivessem uma noção científica a respeito do que estava acontecendo. Nisso, surgiu-nos a necessidade de compreender o luto pelas mortes de COVID-19. A ideia era a de que esse luto se mostrasse por si só a partir do mundo em que essa experiência ocorreu, ao invés de enquadrá-lo em alguma proposta já existente. Sendo assim, realizamos uma pesquisa qualitativa com o objetivo de compreender o luto de pessoas que perderam entes por COVID-19, por meio de um olhar fenomenológico. Analisamos as falas de pessoas que participaram de um grupo para enlutados, proposto na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFPR. Selecionamos as falas que refletiam mais sobre o que estávamos buscando compreender, além de serem de pessoas que preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE. O processo de análise foi inspirado no método proposto pela pesquisadora brasileira Dra. Virgínia Moreira, adaptado de modo que pudéssemos ter acesso à experiência das participantes dos grupos de apoio. Dessa forma, no primeiro momento, fizemos a leitura integral de cada um dos encontros. Após isso, marcamos todos os trechos nos quais as participantes falavam a respeito da experiência de luto por mortes de COVID-19. Posteriormente, elaboramos três eixos temáticos a partir dessas falas. Concluímos que o luto por mortes de COVID-19 é influenciado o por experiências relacionadas à forma como as despedidas puderam ser conduzidas no contexto pandêmico, havendo mudanças nas formas em que ocorreu. Além disso, esse luto foi contornado por sentimentos de banalização, onde alguns enlutados relataram que seus lutos, bem como a vida de seus entes, em muitos momentos foram negligenciados. Por último, os participantes refletiram sobre o quão abrupta foi essa morte, apresentando sentimento de culpa, medo de contrair a doença e perder mais pessoas por COVID-19, impotência, sensação de negligência, além de relatarem sobre uma perda coletiva.

Palavras-chave: Luto. Pandemia. Fenomenologia.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has become a central global issue in recent years. Thousands of people lost loved ones who were infected by the SARS-CoV-2 virus and had to rebuild their lives in a world entirely different from the one they had known before. As this event unfolded so suddenly, research on various aspects of the pandemic and its impacts had to be rapidly produced to provide a scientific understanding. In this context, we also recognized the need to comprehend the mourning process for those who died from COVID-19. The idea was to allow this mourning to emerge from the world where this experience occurred rather than framing it within existing theoretical models. To achieve this, we conducted qualitative research to understand the grief experienced by individuals who lost loved ones to COVID-19, using a phenomenological approach. The study analyzed the accounts of participants from a bereavement support group organized by the Federal University of Paraná (UFPR). This research was approved by the UFPR ethics committee. We selected narratives that best reflected our research goals and included participants who had signed the informed consent form (ICF). The analysis process was inspired by the method proposed by Brazilian researcher Dr. Virgínia Moreira, adapted to allow access to the participants' lived experiences in the support groups. Initially, we conducted a comprehensive reading of each group session. Subsequently, we identified and highlighted excerpts in which participants discussed their experiences of grieving COVID-19-related losses. From these narratives, we developed three thematic axes. We conclude that grief over deaths caused by COVID-19 is influenced by experiences related to how farewells occurred during the pandemic, where there were changes in how this happened. In addition, this grief was also shaped by feelings of trivialization, where some mourners reported that their grief, as well as the lives of their loved ones, were often neglected. Lastly, emotions related to the disease and the pandemic context also influence this experience, as participants reflect on how abrupt these deaths were, feelings of guilt, fear of contracting and losing more people to COVID-19, helplessness, a sense of neglect, and reflections on a collective loss.

Keywords: Grief. Pandemic. Phenomenology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A pesquisa	10
1 O LUTO	15
1.1 Perspectivas históricas	15
1.2 O luto e o DSM	18
1.3 O luto por morte de COVID-19	23
1.4 Uma visão fenomenológica do luto	26
2 A PANDEMIA DE COVID-19	31
2.1 A pandemia da gripe espanhola no mundo e no Brasil – semelhanças com a Covid-19	31
2.2 A pandemia de COVID-19	36
3 UMA REVISÃO DE ESCOPO SOBRE O LUTO POR MORTES DE COVID-19 EM ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS	42
3.1 O caminho traçado nesta revisão	42
3.2 A amostra	45
3.3 Os resultados encontrados nessas pesquisas	47
3.3.1 <i>Vivenciando o luto em um mundo diferente</i>	47
3.3.2 <i>Um luto não legitimado</i>	50
3.3.3 <i>O luto daqueles que atuaram na linha de frente para combater o vírus de COVID-19</i>	51
4 MÉTODO	53
4.1 O método fenomenológico	53
4.2 O método fenomenológico crítico ou mundano	55
4.3 Participantes e procedimentos	59
4.4 Critérios de inclusão e exclusão	60

4.5 Construindo a amostra	61
4.6 As análises	62
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
Eixo 1: As experiências com a despedida no luto por COVID-19	65
Eixo 2: Sensação de banalização da pandemia	73
Eixo 3: Sentimentos relativos à doença e ao contexto pandêmico	82
5 CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Como pesquisador, não pretendo com esta pesquisa me distanciar de meu mundo para que possa compreender a experiência de luto por COVID-19. Ao contrário, entendo que é por conta da situação que vivi – e vivo – que passei a me interessar por este tema. Para além disso, hoje compreendo que qualquer tentativa de me descolar de meu *lebenswelt* (mundo da vida) seria uma ingenuidade. Tampouco pretendo partir, neste trabalho, de uma postura neutra a respeito de tudo o que vivemos nos últimos anos. Não, não seguirei esse caminho e peço desculpas ao(à) leitor(a) que entende o(a) pesquisador(a) como um sujeito frio e distante de seu “objeto” de pesquisa.

Desse modo, dou início a este relato contando um pouco sobre o meu mundo-vida pandêmico, o momento mais difícil que vivi até aqui. Lembro-me como se fosse ontem. Estava ansioso para que as minhas aulas da graduação voltassem. Eu amava ir à faculdade. O ambiente acadêmico se tornou a minha casa! Certa tarde, indo pegar o ônibus, recebi uma mensagem e nela estava escrito algo que mudou não somente a minha vida, mas a de todos nós. Com o avanço da pandemia de COVID-19, as aulas seriam, a partir daquele dia, ministradas de forma remota. Que confusão! Mas, sejamos honestos, sem ter a noção do que estava por vir, talvez até tenhamos comemorado o fato de não precisar sair de casa por pelo menos duas semanas. Passados os 15 dias, nada mudou. Infelizmente, essas “duas semanas” se prolongaram até o término de minha graduação.

Essa mudança me fez lembrar de um dos escritos de Paulo Leminski (2013), em que ele nos diz: “acordei bemol, tudo estava sustentado. Sol fazia, só não fazia sentido...”. Até então, eu sentia ter controle sobre o meu mundo. Vi que era uma utopia. Foi difícil encontrar algum sentido que me fizesse sentido naquele momento, pois a pandemia de COVID-19 nem pediu licença para invadir nossas vidas. Por vezes, me perguntei o motivo

de me sentir tão afetado ao falar a respeito deste tema, já que pessoalmente não perdi nenhum ente querido nesse momento. No entanto, quando passei a estudar sobre luto, e em especial sobre o luto não reconhecido, me dei conta de que eu mesmo não estava legitimando a minha perda: perdi o meu mundo!

Frente a isso, precisei aceitar que eu estava habitando, agora, um mundo incerto sem ter ideia de como transitar por ele, de modo que aquele contato imediato que eu tinha dentro do meu mundo-vida havia se perdido. O curioso disso tudo é que só me dei conta desse mundo quando o perdi. Me dei conta que o mundo, na verdade, é sempre abertura; e o que eu tenho é a experiência de um mundo em que sua síntese jamais é acabada, assim como nós. O próprio Merleau-Ponty (1945/2018, p. 296) falava isso: “temos a experiência absoluta de um Eu, não no sentido de uma subjetividade absoluta, mas indivisivelmente desfeito e refeito pelo curso do tempo”.

Hoje, o que resta são aquelas memórias de momentos que, quando estavam sendo vividos, talvez não tenham sido valorizados; junto disso, instaurou-se o medo de um vírus que escancarou o quão impotentes somos, mesmo em uma era conhecida por sua tecnologia. Invisível, este vírus se mostrou por meio das mortes causadas ao redor de todo o mundo. Assim, vivendo em um mundo de perdas abruptas, decidi constituir algo que me parece significativo: uma pesquisa a respeito do luto pelas mortes de COVID-19.

A pesquisa

Esta pesquisa de mestrado é um recorte de uma investigação mais ampla feita no departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em que foram realizados grupos de acolhimento para pessoas que haviam perdido entes por COVID-19. Esta pesquisa questiona “como é a experiência de luto por COVID-19?”. Como

contextualização do trabalho, apresento aqui a primeira parte do texto para, posteriormente, detalhar os passos seguidos durante a investigação.

O trabalho conduzido na primeira parte da pesquisa é fundamental para a elaboração deste projeto final, pois permitiu uma maior compreensão a respeito do tema e dos grupos de acolhimento – um importante ponto de apoio para pessoas que precisavam de um suporte profissional naquele momento. Esses grupos permitiram que essas pessoas pudessem ser compreendidas. Embora eu não tenha participado da ocasião, optei por apresentar este momento uma vez que, sem ele, minha pesquisa não seria realizada da maneira como foi. Cabe enfatizar que, em minha dissertação, analiso os cadernos de relatos em que constam as falas das pessoas participantes desses grupos.

Mesmo sendo um tema emergencial, Maria Helena P. Franco (2021), influente pesquisadora brasileira que se dedica a estudar a experiência de luto, faz a ressalva de que a falta de distanciamento histórico diante da pandemia pode prejudicar a produção de conhecimento a respeito do tema dentro desta especificidade. No entanto, ao abordar este tema a partir verificamos a oportunidade de abordar este fenômeno ao mesmo tempo em que este período nos entrelaça. Com nossas existências confirmadas pela pandemia, nos damos conta do quão urgentes são as produções de saberes a esse respeito, ainda mais quando aproximadamente 700 mil mortes foram contabilizadas em todo o Brasil. Gabriela Casellatto (2020) afirma que, para cada morte, o número de pessoas enlutadas pode exceder uma dúzia, indicando-nos uma grande quantidade de pessoas que foram atravessadas por esta vivência.

É novidade, ao menos para nossa época, um volume de mortes tão significativo vindo apenas de uma causa, exceto quando falamos de contextos de guerras e conflitos. Tal fato fez com que tivéssemos que nos (re)organizar em nossa corporeidade. O distanciamento físico imposto pela emergência sanitária impediu muitas vezes que redes

de apoio pudessem estar próximas àqueles que perderam alguém por COVID-19 (Dantas et al., 2020), trazendo, em alguns casos, um contorno incomum.

Falar sobre perda é algo importante, mesmo que muitas vezes o modo “habitual” de viver um luto seja o da discrição (Koury, 2010). Nesse cenário pandêmico, houve uma suspensão significativa dos ritos de despedida (Fernández & Falcón, 2021a; 2021b). De igual forma, pesquisas mostram que quando levamos em consideração a singularidade dessa vivência, notamos que nem sempre a não realização desses ritos foi significativa para pessoas que perderam seus entes queridos (Freitas, 2022). Além disso, inúmeras pesquisas foram sendo publicadas logo nos primeiros anos da pandemia, e muitas delas tratam dessa temática enviesada por outros momentos catastróficos. Diante disso, surgiu a seguinte questão: como o luto por perdas por COVID-19 é vivido?

É importante salientar que, nos primeiros anos da pandemia no Brasil, ou seja, no auge da disseminação do vírus, estávamos como reféns de um governo negacionista que, a partir de discursos e ações, violentava a população brasileira, sobretudo aquelas pessoas que perderam entes queridos por COVID-19. Esse contexto é certamente indignante, além de reconhecidamente atravessador das experiências que tivemos na pandemia no Brasil. Por isso, o objetivo principal desta pesquisa consiste em compreender as vivências e as expressões do luto por perdas por COVID-19 durante os primeiros anos da pandemia. Para atingir esse objetivo geral, temos como objetivos específicos: descrever a experiência do luto por COVID-19 e compreender se há especificidades nesse luto.

Com esse intuito, analisamos falas de participantes que frequentaram grupos de acolhimento para pessoas que perderam entes por COVID-19. Esses grupos foram feitos de modo remoto no período mais agudo da pandemia, objetivando propor um espaço de escuta, bem como construir um conhecimento rigoroso a respeito desse luto vivenciado (Freitas, 2022). Cabe ressaltar que não participei desses grupos; no entanto, como a

proposta de investigação ia ao encontro do objetivo de construir conhecimento a respeito desta vivência, ao ingressar no mestrado, minha orientadora me inseriu em sua pesquisa.

Esta pesquisa foi orientada pela fenomenologia, visando compreender os fenômenos da forma como eles se mostram (Bicudo, 1994). Isso nos permitiu ir ao encontro do sentido da experiência humana, algo que buscamos nesta investigação. Este estudo foi aprovado no comitê de ética e encontra-se organizado em seis capítulos apresentados a seguir:

1. *Luto*: Neste capítulo traço uma linha de compreensão a respeito do tema, passando por algumas perspectivas teóricas que contribuem para o entendimento que se tem hoje a respeito do assunto. Também apresento uma visão fenomenológica do luto;

2. *A pandemia de COVID-19*: Dou início a este capítulo fazendo um convite para que você, leitor(a), possa fazer uma viagem no tempo comigo. Busco refletir a respeito de algumas pandemias que invadiram o mundo, enfatizando as similaridades existentes entre a pandemia de gripe espanhola, conhecida como a mãe das pandemias, e a pandemia de COVID-19. São apontadas também as principais implicações que o estado pandêmico trouxe ao mundo e ao Brasil, que ainda sofre com suas consequências. Aqui há o entrelaçamento fenomenológico junto ao tema;

3. *Revisão bibliográfica*: Este capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica a respeito do luto por mortes de COVID-19 a partir de pesquisas fenomenológicas. Busquei aprofundar a compreensão do luto ainda mais em nosso tema de pesquisa, além de compreender como o campo de publicações a esse respeito se mostra.

4. *Método*: Aqui vislumbramos a discussão acerca do método fenomenológico crítico (ou mundano) proposto por Virgínia Moreira (2004), do qual nos utilizamos para a elaboração desta pesquisa. São descritos os passos a serem seguidos na

análise das falas de participantes dos grupos de enlutados do projeto “Luto, Vivências e possibilidades na COVID-19”, para responder à pergunta de pesquisa e cumprir com os objetivos do trabalho;

5. *Resultados e discussão:* Neste capítulo, são apresentadas as análises das falas e realizada uma discussão acerca dessas experiências, entrelaçando-as ao contexto vivido;

6. *Conclusão:* Ao longo desta dissertação, este trabalho trouxe algumas contribuições sobre o luto por mortes de COVID-19. Compreendemos que o luto por mortes de COVID-19 se entrelaça ao mundo em que foi vivido, mediado por modificações nos rituais de despedida, além de pessoas que sentiram que suas perdas não foram legitimadas; além de outras especificidades relacionadas ao contexto pandêmico. Apesar disso, compreendemos a existência de algumas lacunas que não foram atingidas por meio desta pesquisa e que abrem campo para uma nova investigação. Por fim, esta aponto como esta dissertação expõe as contribuições para este campo, apresentando novas possibilidades de investigações.

1 O LUTO

*“Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós”*

(Antoine de Saint-Exupéry, 1945)

1.1 Perspectivas históricas

Embora o interesse de compreender o fenômeno do luto sempre tenha existido, ele nem sempre foi compreendido como hoje o percebemos (Franco, 2021). Parkes (2006), um renomado psiquiatra que se dedicou a pesquisar o tema, compreende o luto da seguinte forma:

Em minha opinião, seus componentes essenciais são a experiência da perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido (ansiedade de separação). Se não houver esses componentes, não se pode dizer que a pessoa esteja realmente em processo de luto (Parkes, 2006, p. 42).

Nessa mesma perspectiva, outros autores desenvolveram reflexões desse tema antes. No início do século passado, em 1917, Freud apresentou a obra *Luto e Melancolia*, livro que até hoje serve de base para estudos a respeito do assunto. Para Freud (2011), o luto seria um conjunto de reações – desânimo, apatia em atividades, dificuldade em substituir o objeto perdido – atreladas a uma perda significativa por parte do enlutado, ao ponto que este pode perder o prazer em atividades gerais.

A elaboração do luto, ou trabalho do luto, como proposta por Freud, passou a ser entendida como parte do processo e abriu um caminho importante em sua compreensão e em seu manejo, porém não considerou que, concomitantemente, a

pessoa enlutada precisa fazer ajustamentos importantes na sua própria vida (Franco, 2021, p. 29).

Ainda no século passado, proposta pelo renomado psiquiatra inglês John Bowlby, a teoria do apego ganhou destaque quando Bowlby passou a descrever suas observações sobre as constituições de vínculos entre o bebê e seu cuidador primário (Franco, 2021). Influenciado pela Psicanálise e diversos campos da ciência, Bowlby procurou se defender dos reducionismos presentes em teorias, buscando elaborar um trabalho que ia ao encontro de mecanismos de adaptação ao mundo real, observando a ação da pessoa no ambiente em que ela se insere (Dalbem & Dell’Aglia, 2005). O psiquiatra inglês influenciou diversos outros autores, como Mary Ainsworth, psicóloga que chegou a atuar como sua assistente de pesquisa e passou a ser considerada uma figura fundamental para a formulação da teoria do apego (Barstad, 2013).

Desde sua formação em Psicologia, Ainsworth se interessou pela compreensão do ser humano, caminhando para o campo da pesquisa e realizando uma dissertação sobre a teoria de Blatz, em que cunhou o conceito de Base segura, elaborado por ela e Bowlby. Blatz afirmava que existiriam diversos tipos de segurança, sendo o primeiro a ser desenvolvido o de segurança imatura dependente (Barstad, 2013, p. 33).

Segundo essa teoria, à medida que a criança se desenvolve, ela tende a se distanciar de uma base insegura em direção à uma base independente: “Como ninguém sobrevive sozinho, para se sentir seguro, um indivíduo precisa construir uma segurança madura dependente, podendo lidar com graus de independência” (Barstad, 2013, p. 33). Ainda atuando em parceria com Bowlby, Ainsworth compreendeu a importância das pesquisas observacionais que vinham sendo realizadas. Quando se mudou para Uganda, país na África, passou a afinar ainda mais sua investigação, realizando visitas e

entrevistando mães, questionando-as sobre as formas de cuidado que receberam na infância, além de observar a interação dessas mães com seus filhos (Barstad, 2013). O que se observou a partir disso é que esses bebês procuravam suas mães quando se sentiam diante de algum estado de perigo, considerando-as como base de segurança. Tal fato levou Ainsworth a dividir essas crianças em três grupos: seguramente apegadas, inseguramente apegadas e não apegadas (Barstad, 2013).

Em sua pesquisa intitulada *Situação Estranha*, Ainsworth avança em seus estudos e classifica o apego do seguinte modo: bebês seguramente apegados, bebês apegados de forma insegura (ansiosa/ambivalente), apego inseguro (ansioso evitativo) e, por último, identificado por Main e Solomon (1990) e citado na mesma obra, o estilo de apego desorganizado (Franco, 2021). A autora sinaliza que “o modelo operativo interno tem, portanto, papel de destaque no processo de luto, uma vez que é atuante na construção de significado, tanto para a relação rompida como para o enlutado em seu projeto de vida” (Franco, 2021, p. 55). Bowlby, influenciado por Darwin, foi o primeiro a postular que o luto seria vivido em estágios, embora quem tenha ganhado mais destaque em relação a essas fases tenha sido Elisabeth Kübler-Ross (1996).

Bowlby fala em fases do luto que se assemelham àquelas descritas por Darwin, o que não surpreende, uma vez que este se interessava, de uma perspectiva evolucionária, pelo comportamento animal, que lhe serviu de fundamento para a compreensão do processo de formação e rompimento de vínculos afetivos (Franco, 2021, p. 74).

Quando falamos em fases do luto, é comum lembrarmos de Elisabeth Kübler-Ross, médica e autora de uma das teorias mais conhecidas a respeito do assunto (Franco, 2021). Em seu livro *Sobre a morte e o morrer* (1996), ela nos apresenta suas observações com pacientes à beira da morte e delinea uma sequência de emoções presentes nesse

momento, sendo elas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora o trabalho de Kübler-Ross tenha sido elaborado com pessoas em fim de vida, rapidamente a experiência do luto pela perda de alguém foi encaixada em sua teoria devido à fácil apreensão proporcionada, assim como pela luz no fim do túnel que podia apresentar às pessoas que estavam sendo atravessadas por um momento como esse. Isso porque, ao falar sobre o término do luto, algo bem aceito pela medicina, era possível propor um modo habitual para se viver essa experiência (Franco, 2021), como veremos a seguir.

1.2 O luto e o DSM

A Psicologia, principalmente as escolas de cunho mais positivistas, assume para si um compromisso impossível: o de uma cura puramente técnica, ou seja, que visa a pura remoção de sintomas o mais rápido possível. A ambiguidade na clínica psicológica é a de que, ao reconhecer-se como ciência, a Psicologia distancia-se de seu campo de estudo. Ao buscar explicar as mais variadas vivências humanas, deixa de compreendê-las (Silva & Freitas, 2019). Nesse sentido, ela vem sendo colocada como um espaço de cura, enquadramento social, regularização do humano e, especialmente, de seu sofrimento. Assim, vê-se a clínica psicológica fortemente influenciada pela clínica médica, com base em diagnósticos e sempre em busca de soluções rápidas para as mais variadas questões envolvendo o ser humano (Silva & Freitas, 2019).

Na atualidade, assim como todo fazer no campo da saúde, a clínica psicológica vem sendo tomada por muitos como um espaço para a promoção de enquadramento social, de cura, de regularização do humano e, especialmente, de seu sofrimento. As técnicas são variadas, as teorias extensas, os fazeres múltiplos, as instituições graves e frias, tudo tem um rito estrito e estruturante. Nesse contexto, a dor e o sofrimento humano devem ser extirpados a todo custo. A

clínica psicológica contaminou-se por uma certa clínica médica, dos exames, das intervenções e das instituições. Sem dúvida, tal determinação da clínica psicológica é ditada pelo nosso horizonte histórico de sentidos, próprio da era técnica (Silva & Freitas, 2019, p. 147).

Desse modo, a psicologia e a medicina, assim como o pensamento psicopatológico, são demasiadamente influenciadas pelo pensamento cartesiano, tradicionalmente colocando uma divisão na natureza humana entre o ser humano e o mundo. Essas duas ciências sempre buscaram classificar as consideradas doenças mentais, pois era comum até determinada época pessoas receberem diferentes diagnósticos sobre uma mesma patologia, tornando necessária uma sistematização dessas doenças (Derbli, 2011).

Pensando nisso, a psiquiatria norte-americana se debruçou na elaboração do primeiro *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM), em 1952, o qual, já em sua primeira edição, contava com mais de 100 descrições (Derbli, 2011). A cada nova atualização, o DSM vem tentando encapsular aquilo que é singular, incluindo a experiência de luto que, quando não experienciada de determinada forma e em determinado tempo, poderia vir a ser diagnosticada como algo patológico (Silva & Freitas, 2019). A primeira versão do DSM foi fortemente influenciada pelo então presidente da American Psychological Association (APA), Adolf Mayer, e contou com uma visão um tanto psicanalítica em sua fundamentação, que reforçava a diferença entre psicose e neurose (Martinhago & Caponi, 2019). Entretanto, nessa não houve menção alguma sobre o luto, apesar de haver questões relacionadas a esse tema indiretamente (Carmo, 2022).

A segunda versão foi lançada em 1968 e apresentava um número mais elevado de categorias, com cerca de 182 classificações (Martinhago & Caponi, 2019). Nesta edição,

novamente não houve nenhuma menção direta ao luto, embora tal palavra apareça em um exemplo relacionado ao diagnóstico de reação de ajuste da infância, nos indicando que o assunto poderia ganhar destaque nas edições seguintes (Carmo, 2022).

A terceira versão, lançada em 1980, teve como objetivo afinar a validade de determinados diagnósticos, uma vez que algumas pesquisas desta época mostraram discrepâncias significativas entre os diagnósticos produzidos nos Estados Unidos e em países da Europa (Martinhago & Caponi, 2019). Aqui, tem-se a primeira aparição direta do luto (Carmo, 2022):

A partir do DSM III (APA, 1987), a temática do luto é abordada mais diretamente através da classificação do luto descomplicado, na sessão dedicada às condições não atribuíveis a um transtorno mental, enquanto o luto complicado é associado aos diagnósticos de episódio depressivo maior ou depressão maior, listados como transtorno do humor. O luto descomplicado é descrito como uma reação normal diante da morte de um ente querido em que uma síndrome depressiva total é esperada e a culpa, quando presente, é principalmente atribuída às coisas feitas ou não pelo sobrevivente no momento da morte (p. 177).

A quarta versão do DSM foi lançada em 1994, contendo 297 categorias. Venâncio e Oliveira (2018) apontam que, em relação ao luto, a temporalidade passa a ser um elemento central para o entendimento dessa experiência, uma vez que os sintomas vistos em enlutados deveriam desaparecer em até dois meses e não persistirem além disso.

A quinta edição foi lançada em 2013, e dispôs de um corpo maior de pesquisadores para a sua elaboração. Nessa versão, o luto aparece com uma atenção particular relacionado ao Transtorno de Luto Prolongado (*Prolonged Grief Disorder* – PGD). Essa inclusão se diz de um reconhecimento crescente de que, para algumas pessoas, o processo de luto pode se tornar patológico. Nesse sentido, o transtorno de luto prolongado é

caracterizado por uma resposta intensa e prolongada ao luto que persiste por pelo menos 12 meses após a perda (ou seis meses em crianças e adolescentes) (Marques, 2019).

Carmo (2022) alerta que a evolução do luto ao longo do tempo nas versões do DSM não necessariamente acolhe a experiência da pessoa que passa por essa vivência, mas diz da prospecção de novas patologias realizadas por indústrias farmacêuticas influentes no campo da medicina, que fazem do sofrimento alheio a sua forma de gerar capital.

Freitas (2018) ressalta que embora a atual versão abra a possibilidade de compreender o luto como um processo normal, a depender da forma que é vivido, abre-se também a possibilidade de que o clínico faça uma mensuração reducionista sobre o que seria uma experiência de luto normal ou patológico. Assim, levam apenas em consideração esse manual e seu suposto saber como profissional, sem considerar a experiência da própria pessoa:

A quinta e última edição do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5) é indicativa de como o luto está sendo considerado e pensado na atualidade. Mais especificamente no capítulo “Condições para estudos posteriores”, é abordado o Transtorno do Luto Complexo Persistente como um diagnóstico ainda não reconhecido oficialmente, necessitando de maiores estudos. De acordo com o DSM-5, a distinção entre luto normal e complicado teria como critério o tempo cronológico. Depois de doze meses (seis meses, no caso de crianças) em que se apresenta um conjunto de sintomas persistentes do luto, a pessoa enlutada passa a ser diagnosticada com o Transtorno do Luto Complexo Persistente (Michel & Freitas, 2019, p. 01).

O DSM é a principal ferramenta diagnóstica que um profissional de saúde mental tem acesso para classificar os transtornos de saúde mental. Porém, ainda assim é

importante refletir a respeito das desafinações que o próprio manual pode ter em relação à experiência vivida pelas pessoas. Quando nos deparamos com o luto, ao longo do tempo, de acordo com as interpretações que os autores do DSM fizeram e fazem a respeito deste tema, compreendemos que o manual cada vez mais normatiza uma experiência tão significativa como essa, de tal modo que quem não a vivencia da forma como descrito no manual, está passando, supostamente, por uma vivência patológica.

Ou seja, ao longo do tempo, a visão que foi se adotando para compreender o luto tem se tornado cada vez mais pragmática, a ponto de notarmos uma certa normatização das mais variadas formas de expressão dessa vivência. Atualmente, o DSM tem classificado a experiência de luto normal e patológica a partir da temporalidade desta. Assim, quando falamos a respeito da temporalidade no processo de luto, vemos que o manual não leva em conta que em meio a uma experiência como essa, a pessoa não vive na mesma ordem cronológica que estamos habituados em nosso cotidiano. Isso não indica uma doença, mas antes uma vivência singular. A esse respeito, Casellato (2020) afirma que,

Um grande problema desta época é entender o luto como doença. Houve grandes discussões quando a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), sistema de organização das doenças psiquiátricas, considerou o tempo de luto um elemento para o diagnóstico de depressão. O luto tem, para cada um, seu tempo de elaboração e formas singulares de expressão. As pessoas enlutadas devem ser cuidadas de acordo com o nível de desorganização e desequilíbrio que uma perda significativa provoca nelas. O luto é uma crise de grande intensidade, mas não se caracteriza como doença. Afirmá-lo como patologia pode ser uma forma de distanciamento do sofrimento – por meio de

medicação ou internação – o que traz mais dificuldades para aqueles que já estão estigmatizados por várias condições de vulnerabilidade e fragilidade (p. 11).

Por fim, Telles e Moreira (2014) ressaltam que as categorias nosológicas, como vemos no DSM, muitas vezes colidem com a experiência individual de algumas pessoas. Diante de uma experiência tão significativa como o luto, é necessário que, para além de um conjunto de descrições, haja uma compreensão a respeito dos contornos existenciais que o envolvem, tal como foi vivido na experiência de luto de pessoas que perderam entes por COVID-19.

1.3 O luto por morte de COVID-19

Com o avanço do vírus da COVID-19, as mortes causadas por ele passaram a ser tratadas a partir de um viés pragmático (Bianco & Moura, 2020). Isso ocorreu devido ao alto índice de mortes em decorrência do vírus. No entanto, ainda que haja essa explicação, o enlutado, ao ver a sua perda reduzida a um quadro numérico e informativo, tal como muitas vezes aconteceu nos noticiários, pode perceber a sua dor como algo não reconhecido pela sociedade (Albuquerque et al., 2021). Nos dizeres de Pietrani (2022),

Muito falamos das mortes provocadas por pandemias de modo numérico, por meio de percentuais, gráficos e estimativas, em vista do seu caráter supostamente extraordinário. No entanto, para além do numérico, há a morte das pessoas que se encontravam vivas junto a nós e que, de repente, nunca mais estarão. Mas nas pandemias há também aquelas pessoas que não são abarcadas pelo fim, porém guardam a dor, o sofrimento, enfim, o luto pelos seus entes próximos que se foram. (p. 70).

Esse grande número de mortes tornou evidente que o luto dessas pessoas foi colocado em segundo plano, ao mesmo tempo que deixou de ser algo reconhecido e

legitimado por parte da sociedade. Esse cenário indicou a clara falta de respeito com a dor de quem perdeu alguém por COVID-19, uma vez que o fator econômico foi sobreposto à vida humana. Diante disso, Statz et al. (2023) realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos com cerca de dois mil participantes que haviam perdido entes queridos por COVID-19. Os autores compreenderam que, para essas pessoas, houve um descaso governamental na lida com esse vírus, sendo que a política acabou agindo de modo ineficiente para que milhares de mortes pudessem ter sido evitadas.

É importante mencionarmos esse fato neste momento pois, em meio a milhares de mortes e um número exorbitante de pessoas enlutadas, carecidas de apoio social, muitas vezes nos deparávamos com discursos violentos, que negligenciaram o momento em que estávamos passando (e ainda passamos), se referindo à COVID-19 como uma gripe qualquer. Lembremos ainda o discurso contra as vacinas. Fatos como esses devem ser mencionados para que fique evidente a não legitimação que a pandemia – e, por consequência, o luto que ela ocasionou a milhares de pessoas – teve em nosso país.

Para além, Dantas et al. (2020) fizeram uma pesquisa na Unicamp, junto ao APEM-Covid – serviço destinado aos pacientes do Hospital das Clínicas da Universidade – e observaram que muitas vezes a tônica de alguém que perdeu algum ente por COVID-19 não diz respeito somente a uma perda como outras. Os autores observaram que nos discursos dos enlutados, muitas dessas pessoas não estavam se dando conta da nova realidade instituída pela pandemia. De acordo com os relatos obtidos nessa pesquisa, é possível inferir que a experiência de luto dessas pessoas ocorreu por meio de algumas especificações vividas nesse momento, como o fato de verem seus familiares em um saco preto, semelhante a um saco de lixo doméstico.

Selmann et al. (2022) ressaltam que as pessoas que perderam entes por COVID-19, principalmente nos momentos agudos da pandemia, podem sentir que os cuidados ao

final da vida do doente não foram ideais, uma vez que durante esse período não existia a possibilidade de realizar visitas às pessoas que estavam no hospital. Para Cipolletta et al. (2022), outra possível especificidade desse tipo de luto é o fato de algumas pessoas terem subestimado a letalidade da pandemia em determinados momentos, e agora se enxergam como as culpadas pelas mortes de seus entes. Os autores acrescentam que algumas delas, inclusive, acreditam que teriam até mesmo transmitido o vírus à pessoa que se foi.

A fim de proporcionar uma melhor compreensão a respeito dessa vivência, a literatura específica aponta a necessidade de levar em conta questões religiosas e culturais. Nesse sentido, de acordo com Bianco e Moura (2020), outra especificidade vivida no luto por COVID-19 ocorre em razão das modificações de ritos de despedida, como cremação ou enterro, por exemplo, já que para algumas pessoas esses rituais são de suma importância para concretizar seus lutos. Além disso, Cipolletta et al. (2022) realizaram um estudo na Itália em que os participantes falaram ainda sobre uma dificuldade em acreditar na morte de seu ente devido à impossibilidade de realizar rituais de despedida, algo que também foi observado na pesquisa de Fernández e Falcón (2021b), realizada na Espanha. Esta última investigação mostrou que para esses enlutados, essa morte traz consigo um sentimento de abandono, causado pela impossibilidade de despedida.

Como possibilidade para aqueles que prezam por esses ritos, uma das alternativas deu-se pela organização de cerimônias online. Embora não substituíssem por completo as cerimônias com as quais estamos acostumados, ainda assim acabavam sendo uma oportunidade para homenagear aquele ente que se foi (Giamattey et al., 2022). Porém, reforçando a singularidade dessa vivência, Freitas (2022) observou, ao mediar grupo de pessoas que perderam entes queridos por COVID-19, que apesar de algumas terem

sentido a falta desse momento de despedida, outras acabaram achando que foi melhor não terem passado pelos ritos.

Frente a um número tão grande de pessoas enlutadas, Lee e Neimeyer (2020) desenvolveram uma escala chamada *Pandemic Grief Scale* (PGS), cujo objetivo foi realizar um breve rastreio de saúde mental, a fim de detectar possíveis casos de “luto por COVID-19 disfuncional”. Embora a confiabilidade tenha se mostrado sólida após análises, compreendemos que a vivência do luto é algo singular que merece ser investigado por um caminho compreensivo, pelo qual seja possível entender que essa experiência se apresente da maneira como ela é. Assim, fica evidente a importância das pesquisas qualitativas a fim de compreender a experiência desse luto. Nisso, a fenomenologia se destaca, nos possibilitando tecer tal compreensão a respeito deste fenômeno, como veremos a seguir.

1.4 Uma visão fenomenológica do luto

Quando um olhar fenomenológico sobre o luto é perspectivado, há uma mudança radical em relação à forma de abordar o tema. Situados em um mundo que cada vez mais valoriza o saber positivista, essa virada pode servir como uma forma de ir ao encontro deste fenômeno, uma vez que:

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (Merleau-Ponty, 1945/2018, p. 03).

Sobre essa forma de conhecimento, estudos fenomenológicos a respeito do luto são cada vez mais comuns (Freitas, 2013). Para Freitas (2013), todas as relações humanas

estão sujeitas ao luto, independentemente da existência de algum grau de parentesco entre o morto e o enlutado; o que importa é o sentido que a relação tem para quem passa por essa vivência. Nas palavras de Freitas (2013), “para um adolescente pode ser muito mais impactante perder um colega de escola em um acidente ou por uma doença fatal do que perder seu avô ou avó” (p. 99). O luto, portanto, se caracteriza como a vivência experienciada após uma situação de perda significativa.

O sentido da perda é um elemento fundamental para a compreensão desta experiência, especialmente quando se trata de um ente querido. O sentido da relação também. Com a apresentação da ausência do outro no mundo do “eu”, a experiência do luto surge como essa novidade carente de sentido que coloca em jogo as especificidades relacionais, o horizonte histórico e o mundo-da-vida do enlutado (Freitas, 2013, p. 99).

Enfatizando a fenomenologia de Merleau-Ponty, Freitas (2018) diz: “Quando submetemos o fenômeno do luto à epoché, também denominada suspensão fenomenológica, em busca de núcleos originários desta experiência, deparamo-nos com a evidência da intersubjetividade como seu fundamento” (p. 51). Entrelaçados ao outro, é assim que passamos a existir, sendo impossível conceber-nos sem que haja alguma pessoa conosco. É necessária a existência de alguém para que parte da nossa/sua história seja instituída. Sendo assim, nossas relações são mundanas, de modo que só podemos pensar ou sentir estando entrelaçados em uma relação encarnada (Merleau-Ponty, 2004).

O outro aqui se apresenta como existencialmente dado e não como ciência. O outro não é um ob-jectum do meu conhecimento, mas sujeito coexistente em minha experiência de ser-no-mundo, calcado nesse “fundo”, nessa situação comum que é nossa intercorporeidade. É uma evidência irrefutável, não uma

pressuposição. Como nos ensina Merleau-Ponty (2002, p. 169) “o mistério de um outro não é senão o mistério de mim mesmo” (Freitas, 2013, p. 102).

Na experiência de luto, quando alguém se vai, há um esvaziamento de possibilidades *de ser* na existência da pessoa enlutada; possibilidades essas que existem a partir das diferentes perspectivas de mundo que a relação com a pessoa oferecia (Freitas, 2018). Freitas (2013) diz que “sendo o outro co-presença, sua desapareição enquanto mortal produz uma modificação do meu campo existencial, do meu mundo vivido, exigindo-me novas formas de ser-no-mundo” (p. 103). Não é apenas aquele que morre que se vai, mas junto dele uma parte do enlutado também morre; afinal, estamos diante de um profundo sofrimento em que o enlutado passa a reconstruir todo o mundo em que vive (Freitas, 2018).

Na experiência de luto há um rompimento de intimidade com o mundo, que passa a ser vivido sem uma presença que antes era certa em nossa existência. Há de se ressaltar que essa ausência corporal na vida do enlutado não indica a finalização de uma relação, mas uma nova forma de vivê-la, que agora será expressa pelo contorno da ausência corpórea da pessoa que se foi (Freitas, 2018). Um morto sempre estará presente na vida de quem o perdeu.

Podemos aqui imaginar uma pessoa que todos os dias tomava café da manhã com seu parceiro falecido. Tal ritual matinal não era apenas uma rotina, mas expressava a relação dessas pessoas. Mesmo depois da morte, a pessoa continua a preparar o café da manhã da mesma maneira, sentando-se à mesa com duas xícaras, ainda que a outra permaneça vazia. Notamos que mesmo após a perda, o hábito continua e agora expressa uma certa presença contínua do parceiro falecido na vida da pessoa enlutada. As memórias e o significado emocional deste ritual mantêm viva a relação, evidenciando que

o luto não é o fim, mas uma transformação na maneira de vivenciar a presença do outro (Freitas, 2018). Sobre isso,

(...) o falecido se mantém como sentido no *Lebenswelt*, ou mundo-vida, do enlutado, porém, não mais como aquele que abre novas visibilidades do mundo na condição do existir, uma vez que não partilhamos mais nem espacialidade nem temporalidade. Não envelheceremos mais conjuntamente, não seremos mais testemunhas da existência um do outro. A coexistência é, abruptamente, lançada em uma vivência de descompasso que não cessa de revelar nossa narrativa interrompida. Compreender existencialmente o processo de enlutamento, portanto, diz respeito a compreender os modos de ser vivenciados na experiência de uma ruptura radical e definitiva no mundo-vida do enlutado em seu caráter intersubjetivo, especificamente intercorporal (Freitas, 2018, p. 52).

Quando compreendemos a existência do rompimento radical no mundo-vida da pessoa que vive um luto, devemos levar em consideração que nossa compreensão de mundo está intrinsecamente entrelaçada ao nosso envolvimento físico e sensorial com o entorno e com os outros seres. A esse respeito, Merleau-Ponty (1984) nos apresenta tal conceito usando o exemplo de duas mãos que se tocam e são tocadas. Ao fazerem esse exercício, durante o ato, não há uma distinção clara entre sujeito e objeto, pois a mão que toca ao mesmo tempo é tocada.

Compreender que não há distinção entre eu e o mundo, nos permite tecer uma compreensão mundana a respeito do luto. Quando procuramos desvelar os fenômenos a partir desta perspectiva, o que podemos destacar disso “são as vivências de dor e perda de sentido do mundo-vida na experiência do enlutado, com variações que são implicadas pelos contextos e circunstâncias da morte, aspectos particulares de cada relação rompida e o horizonte histórico em que se situam (...)” (Freitas, 2018, p. 52).

Tão logo, podemos afirmar que somos existências de múltiplos contornos (Melo, Ribeiro & Moreira, 2015). O ser humano possui uma natureza multifacetada, composta por diversos elementos, como cultura, sociedade, corpo físico e aspectos psicológicos. Merleau-Ponty (2004) utiliza a metáfora dos “múltiplos contornos”, inspirado na obra de Cézanne, cujas pinturas não delineiam fronteiras nítidas, fazendo com que a figura humana se integre ao ambiente em um processo de constituição mútua. Ou seja, assim como a relação com o morto contorna a forma como o luto é vivido, a sociedade também o circunda.

No Brasil, por exemplo, o luto é experienciado como algo discreto. Na verdade, para além do sofrimento que ele traz, é comum que o enlutado sinta vergonha de falar sobre a morte, pois entende que ao falar sobre sua vivência, poderá pesar o ambiente em que estiver inserido (Koury, 2010).

Por fim, há o cuidado de ressaltar que buscamos neste trabalho compreender a experiência do luto vivenciado por pessoas que perderam entes por COVID-19. Por isso, notamos a importância de apresentar a maneira como essa pandemia foi vivenciada no Brasil, uma vez que, como salientamos há pouco, somos existências de múltiplos contornos.

2 A PANDEMIA DE COVID-19

2.1 A pandemia da gripe espanhola no mundo e no Brasil – semelhanças com a Covid-19

Etimologicamente, de acordo com Judith Butler (2022), a palavra pandemia deriva do grego *pán-demos*, isto é, todo o povo, e se refere a algo que se espalha pelo mundo e invade a vida de todos. Freitas (2022) nos diz que quem fez uso deste termo inicialmente foi Platão, para se dirigir a algum tipo de acontecimento que tivesse o poder de atingir o mundo inteiro. Em nossa época, usamos esse vocábulo para falarmos a respeito de alguma doença com capacidade para atingir toda a população mundial, tal como apresentamos no capítulo sobre pandemia. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (2020), trata-se da propagação mundial de uma nova doença. O termo passa a ser utilizado quando alguma epidemia que afeta uma região entra em outros países e continentes, causando um grande número de vítimas.

O mundo não enfrenta a sua primeira crise sanitária com a COVID-19, ao contrário, ao longo da história, diversos momentos desse tipo foram enfrentados pelos seres humanos. Uma das primeiras pandemias encontradas em textos históricos foi a peste de Atenas, narrada por Tucídides, em 430 a.C. Uma das pandemias mais mortíferas foi a peste negra (1348-1351), que na época acabou com um terço da vida no ocidente e trouxe sérias repercussões na vida social subsequente. Inclusive, foi durante esse período, em Ragusa, que foi realizada a primeira quarentena (Ricon-Ferraz, 2020).

No século XIX, a pandemia de Cólera, identificada por Robert Koch, se destacou devido às decisões tomadas para impedir seu avanço, como ações de higienização, o desenvolvimento de políticas relacionadas à saúde e até mesmo a criação de conferências internacionais para que o tema pudesse ser debatido com rigor (Ricon-Ferraz, 2020). Já

no século XX, em 1918 especificamente, o mundo caminhava para o fim da primeira guerra. Aquilo que parecia ser o fim de uma época conturbada não foi, pois a sociedade teve de enfrentar um desafio ainda maior. Tratava-se de um inimigo invisível: a gripe espanhola, provavelmente foi causada por uma cepa agressiva do vírus influenza A (Schwarcz & Starling, 2020).

Apesar de sua letalidade, demorou-se a assumir que o mundo passava por uma pandemia, afinal, não bastava estar findando uma época de combate e já estavam embarcando em outra. Como afirmam Schwarcz e Starling (2020), era difícil acreditar:

Como quase sempre ocorre, a primeira reação ao redor do mundo foi um suspeito silêncio – uma espécie de “negação” que costuma acompanhar uma crise na saúde pública com esse tamanho e proporção. Por um lado, as potências europeias, ocupadas com o desenlace da guerra, demoraram para encarar a grave ameaça que tinham pela frente. Por outro, a gripe não figurava na lista das doenças letais da época. E também as populações enveredaram por caminhos previsíveis. Afinal, é sempre mais fácil, ao menos de início, procurar obstinadamente não ver, para escapar do enfrentamento do medo. A outra saída costumeira é apostar no milagre, ou num culpado iminente, ou até num bode expiatório (p. 30).

Mundialmente conhecida como “gripe espanhola”, o vírus não teve início na Espanha. Esse vulgo só ocorreu porque a Espanha, na época, não havia censura em relação a esse tipo de informação, enquanto outros países procuravam suavizar o que estava acontecendo (Goulart, 2005). Noutras palavras, esse apelido surgiu porque a Espanha foi o principal país a trazer notícias verídicas com relação ao vírus. Não se sabe ao certo em qual país a influenza teve origem, mas os pesquisadores apresentam três suspeitas: China, Reino Unido e Estados Unidos (Ricon-Ferraz, 2020).

Os primeiros casos registrados ocorreram nos Estados Unidos, em Kansas, quando o Soldado Albert Gitchell apresentou os sintomas da gripe – tosse, febre forte e dores no corpo. Pouco tempo depois, mais de mil soldados estavam infectados, sendo que alguns deles vieram a óbito (Filho, 2019). O vírus evoluiu de forma tão rápida que logo atingiu quadros de casos respiratórios letais em adultos considerados saudáveis, tornando importante a implementação de medidas de higiene pública e urbana, isolamento social e educação para a saúde. Além disso, muitos países incentivaram o uso de máscaras de gaze (Ricon-Ferraz, 2020).

As primeiras notícias referentes à gripe espanhola em nosso país aconteceram em meados de agosto de 1918, mas não foi recebida com o devido rigor pelas autoridades da área de saúde, nem pela população (Feijoo & Pietrani., 2022). O assunto começou a se destacar em setembro do mesmo ano, quando soldados brasileiros, em missão médica na África, contraíram o vírus (Bertucci, 2009). Notícias a respeito do que vinha acontecendo foram publicadas em diversos jornais nacionais, que paralelamente relatavam a passagem do navio Demerara que, vindo da Inglaterra, passara por Recife, Salvador e Rio de Janeiro com pessoas infectadas a bordo. Depois disso, o vírus começou a se espalhar pelo país e diante de seu rápido avanço, tornava-se urgente a implementação de algumas medidas protetivas, com destaque para as seguintes: evitar aglomerações, tomar cuidados higiênicos, evitar fadiga e causas de resfriamento (Bertucci, 2009):

Em 1918, as cidades brasileiras foram parando a partir do início de outubro. As pessoas assistiram aos locais públicos (escolas, parques, teatros, cinemas, etc.) serem fechados; às reuniões religiosas serem reduzidas drasticamente, e aos enterros com acompanhamento a pé serem vedados. Beijos e abraços foram condenados, e cumprimentar as pessoas com aperto de mão passou a ser ato indesejado. A vida das cidades foi ganhando o compasso da gripe espanhola, com

as pessoas mais e mais isoladas em suas casas na tentativa de não contrair a moléstia (Bertucci, 2009, p. 230).

Mesmo sendo consumida pela pandemia da *bailarina da morte*, como também é conhecida, muitas vezes a população brasileira foi invadida por um discurso de encorajamento para que os brasileiros seguissem suas vidas como se nada estivesse acontecendo. No dia 11 de outubro de 1918, o então chefe de saúde se posicionou de forma negacionista em relação ao que estava acontecendo, enfatizando que se tratava de uma “simples influenza” – vírus que apesar de atravessar o globo, era contido com as medidas sanitárias habituais. Esse fato não confirmado mostrou à sociedade que estavam diante de um vírus mais letal do que os anteriores (Brito, 1997).

Uma questão que chama a atenção nesse cenário é que o isolamento social e a quarentena, eventos necessários nesta ocasião, foram duramente questionados e colocados como ilegais e não científicos, afinal, segundo as posturas governamentais e até mesmo de alguns grupos da época, essas ações representavam a inviabilidade de uma sociedade moderna (Goulart, 2005).

Apesar de existir uma diferença de cerca de 100 anos, a “desinteligência” em lidar com mortes em grandes proporções em cenários como o que temos hoje ainda existe. Verificamos uma dificuldade em informar a população de forma adequada e colocar como secundária algumas questões que ainda que sejam vitais, não importam mais que a vida (Alves, 2020). Vemos isso ao trazer a economia para esse debate quando este tema é colocado à frente da vida; algo que foi visto no período da gripe espanhola e também recentemente. A desinformação vista nos dois períodos é algo que chama a atenção, uma vez que nas duas épocas as autoridades governamentais não se preocuparam em informar a população de forma correta. No entanto, diferente da época em que o mundo foi atravessado pela “bailarina da morte”, hoje a população brasileira tem mais acesso à

informação, o que de certa forma deveria nos ajudar a combater o avanço da pandemia de COVID-19. Infelizmente, nem sempre isso nos ajudou.

Como exemplo disso, durante a gripe espanhola no Brasil, diversos tipos de tratamentos sem comprovações foram usados com o intuito de tratar os infectados. E, inclusive, os valores de determinados medicamentos, mesmo controversos, subiram de forma abrupta nas farmácias (Bertucci, 2005). Estamos falando de uma época sem a tecnologia que temos hoje, mas que em muito se aproximou da experiência do nosso país nas fases mais agudas da pandemia de COVID-19.

Depois de 102 anos, novamente um micro-organismo mostrou como somos vulneráveis a despeito dos imensos avanços da tecnologia. A “Morte Cinzenta” fez parar impérios que pareciam imunes a qualquer praga, e também grandes e pequenas nações, estados e cidades, tribos e aldeias. Veio mostrar que ainda como não sabemos lidar com a morte, sobretudo aquela provocada pela “peste”: quando ela chega, gera sempre um tumulto e um forte sentimento de negação; quando vai embora, deixa um misto de alívio combinado com muito temor, insegurança e receio. Quem sabe o século XX não tenha acabado no ano 2000, mas ainda esteja para terminar; atrasado como estão os nossos compromissos. Bem vindos, finalmente, ao século XXI (Schwarcz & Starling, 2020, p. 24).

Embora seja possível identificar algumas similaridades entre a forma como a gripe espanhola foi passada e o modo como a pandemia de COVID-19 vem sendo vivida, devemos destacar algumas diferenças. Estamos em uma época cujo acesso à informação se realiza de modo muito mais acelerado do que se via antigamente, além de todo avanço científico que se tem. Tais fatos certamente poderiam contribuir mais para o enfrentamento da pandemia de COVID-19. Ter acesso fácil às mais variadas informações, apesar de ser algo positivo, também tem seus prejuízos, porque nem tudo o que é

compartilhado é filtrado e, conseqüentemente, boa parte da população brasileira acaba por absorver tais “saberes” de forma passiva, sem despojar algum tipo de olhar crítico sobre temas que merecem ser aprofundados e tratados de modo rigoroso, como vimos acontecer em 2020.

2.2 A pandemia de COVID-19

*Relógio parado
o ouvido ouve
o tic-tac do passado...
(Paulo Leminski, 2013)*

Muitos levavam suas vidas de forma irrefletida. Iam para os seus trabalhos, escola, faculdade e à noite chegavam em casa apenas para dormir e repetir no dia seguinte a mesma rotina. Por vezes esses hábitos carregavam uma certa segurança às nossas vidas, mas isso mudou. Assim como alguém que perde algum membro de seu corpo precisa se habituar a uma nova forma de existir, nós, que fomos atravessados por essa pandemia, também nos habituamos a viver sem aquele mundo que nos era tão seguro e que fazia parte de nós.

Fomos invadidos por um vírus letal e, de forma abrupta, nos organizamos em um mundo novo, repleto de *acidentes*. A cada movimento, a sensação que dava era a de que não sabíamos como conviver com isso. Esse contexto vem sendo assim há pelo menos quatro anos. Certamente, o termo “pandemia” até então não era algo comum em nossas conversas, mas passou a ser. No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS foi alertada pela China a respeito de casos de pneumonia que vinham acontecendo na cidade de Wuhan. Poucos meses depois, ao redor do mundo, havia cerca de 2 milhões de casos confirmados e cerca de 120 mil mortes por covid-19 (Werneck & Carvalho, 2020). Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a pandemia de COVID-19.

O pouco conhecimento científico sobre o novo coronavírus, atrelado à sua rápida propagação e alta letalidade, gerou incertezas ao redor do mundo sobre qual a melhor forma de lidar com o que estava acontecendo (Werneck & Carvalho, 2020). O maior inimigo do mundo, novamente, era invisível e matava de forma rápida. Ficamos indefesos e, frente a esse cenário indesejado, diversos países acabaram optando pelo *lockdown*.

Como sociedade, nos reorganizamos para que não somente pudéssemos nos proteger, mas também manter em segurança as pessoas ao nosso redor. Nossos corpos poderiam ser uma ameaça à saúde do outro, portanto, era necessário manter o distanciamento de forma física. O confinamento foi imposto mundo afora e tinha como objetivo, ao delimitar os movimentos da população, estancar o avanço do vírus. O cuidado não era individual, mas como sociedade foi necessário que fisicamente estivéssemos afastados para que um dia o convívio pudesse ser retomado. Não foi fácil viver em meio a um distanciamento físico, mas era necessário.

Em pesquisa realizada sobre a eficácia do distanciamento físico, Alfano e Ercolano (2020) mostraram que essa estratégia teve um efeito significativo nos países que adotaram a medida para paralisar o avanço do vírus. No entanto, vivemos em meio a discursos onde o distanciamento físico foi duramente criticado por diversas autoridades que estavam preocupadas com questões econômicas. Mesmo que essa estratégia tenha sido usada para proteger a população, muitos ainda a interpretam como “um inimigo”.

No Brasil não foi diferente. Em resposta aos brasileiros, o então presidente Jair Bolsonaro optou por não seguir uma linha pensada de forma rigorosa, levando em conta a real necessidade da população naquele momento. Muitas mortes poderiam ter sido evitadas, mas o que prevaleceu foi um discurso contrário ao necessário:

No dia 14 de maio de 2020 o presidente Bolsonaro declarou que estamos em guerra. Mas ele não se referia à questionável metáfora utilizada por outros

presidentes quando falam de guerra contra a pandemia. Pelo contrário, o presidente Bolsonaro preferiu declarar guerra aos governadores e prefeitos que, em diferentes estados do Brasil, defendem a implantação de políticas de isolamento social. E para isso, pediu ajuda aos empresários afirmando que eles devem obstaculizar as medidas de quarentena. De fato, essa guerra enunciada e declarada em 14 de maio já estava em curso desde o momento em que começaram a implementar-se as primeiras medidas de controle da epidemia, agravando-se depois da demissão do ministro Henrique Mandetta (Caponi, 2020, p. 210).

No dia 25 de março de 2020, no famoso “cercadinho”, onde o presidente da república costumeiramente se comunicava com a imprensa e seus apoiadores, Bolsonaro chegou a dizer que a política de confinamento poderia trazer o caos ao país, contrariando as orientações previstas pelos órgãos de saúde. Devemos lembrar ainda os momentos em que este senhor se dirigiu à pandemia como se fosse uma “gripezinha”¹, usando de sua influência para que a população passasse a compreender o cenário sem o devido rigor.

Sustentando um discurso negacionista, em junho de 2020, o Ministério da saúde passou a maquiagem os números diários de óbitos por COVID-19, expondo uma quantidade menor do que a realidade. Muitos entenderam, num primeiro momento, que os números de óbitos haviam diminuído, mas na verdade houve uma manipulação de informação e, pelo óbvio, um ato de negligência para com aqueles que perderam alguém naquele momento (Amaral, 2020). Isso deixou evidente que a preocupação primordial era somente esconder as estatísticas resultantes da pandemia, mostrando-nos então que a segurança da população não foi alvo de preocupação do governo. A ideia era apresentar a pandemia como se ela não tivesse tanta importância.

¹ Para mais, ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>

Ainda com seu discurso negacionista, o agora ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, usando de sua força presidencial, propôs que muitos fizessem uso de medicamentos como hidroxicloroquina, cloroquina, azitromicina e ivermectina; medicamentos sem eficácia alguma para combater a COVID-19 (Guerreiro & Almeida, 2021). Ao invés de atuarem no combate ao vírus, tais medicamentos poderiam desencadear sequelas diversas. Uma atitude lamentável por parte da maior autoridade brasileira na ocasião. Diante disso, notamos o quanto o Brasil sofreu pela não implementação de políticas públicas² adequadas para combater a pandemia de COVID-19 (Buckeridge & Junior, 2020).

O programa Nacional de Imunização (PNI) brasileiro, sempre protagonista na região das Américas, não conseguiu atuar em toda a sua potencialidade neste período, sobretudo em virtude do imobilismo governamental frente ao assunto em nosso território (Maciel et al., 2022). O antigo governo, na verdade, não soube gerir essa questão. Para citar apenas um caso, lembramos da recusa de comprar doses de vacina quando uma grande farmacêutica nos assegurou que o Brasil seria prioridade na comercialização daquilo que todos precisavam no momento (Maciel et al., 2022). Como se isso não fosse o suficiente, vimos em muitos momentos campanhas contra a vacinação. Jair Bolsonaro também chegou a dizer que não tomaria a vacina, afirmando que ela tinha o poder de nos “transformar em jacarés”³.

Atualmente, o Brasil contabiliza mais de 700 mil mortes por COVID-19. Grande parte dessas pessoas que se foram poderiam estar com seus familiares, se não fosse o despreparo visto. O primeiro caso de morte em nosso país foi de Cleonice Gonçalves, mulher negra, com 63 anos de idade, que mesmo sendo do grupo de risco, não teve a

² O conceito de políticas públicas diz respeito àquilo que os governos fazem ou deixam de fazer em determinada situação (Madeira et al., 2020)

³ Para mais, ver em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao>

possibilidade de ficar em casa – ou melhor, não pôde ficar na sua casa, já que tinha que ir à residência de seus patrões no Leblon. Quando em contato com eles, que tinham acabado de chegar da Itália – país muito afetado pela COVID-19 –, Cleonice foi infectada por sua patroa. A sua morte não se deu apenas pela COVID-19, também devemos lembrar a situação desigual em que esta mulher estava inserida (Cruz, 2021). Embora o vírus não escolha suas vítimas por suas características sociais, vê-se que a forma que se gere um país tem o poder de deixar determinadas populações mais vulneráveis (Cruz, 2021).

A pandemia da Covid-19 colocou luz sobre desigualdades sociais que já existiam, talvez esquecidas ou não vistas. As populações já vulnerabilizadas são, comprovadamente, afetadas de forma negativa nesse contexto, como se poderá ler em detalhes nos próximos capítulos. As diferenças são inúmeras: na exposição ao vírus, no acesso ao diagnóstico e tratamento, no acesso a habitações adequadas, tecnologias, água e saneamento, alimentação e nutrição apropriadas, entre outras (Bueno et al., 2022, p. 35).

Um estudo da Fiocruz organizado por Matta (2022), destacou as seguintes populações como mais vulneráveis no contexto pandêmico: pessoas em situação de rua, com HIV/AIDS, pessoas LGBTQIA+, moradores de periferias, trabalhadores informais, além de migrantes, refugiados e apátridas e a população indígena.

Exposto ao vírus e em meio a uma guerra sanitária e humanitária, o Brasil foi atravessado por três ondas de COVID-19. A primeira onda se estendeu de 23 de fevereiro de 2020 a 7 de novembro do mesmo ano, e teve seu pico na 30ª semana, quando foram noticiadas cerca de 7.677 mortes. Já a segunda onda, a mais longa e letal, ocorreu entre 8 de novembro de 2020 e 25 de dezembro de 2021, tendo seu pico em 10 de abril de 2021, na 14ª semana da onda, contabilizando cerca de 21.141 mortes. A terceira onda foi a mais

curta, e ocorreu de 26 de dezembro de 2021 até 21 de maio de 2022, onde o pico registrou cerca de 6.246 mortes na 6ª semana (Erly Moura et al. 2022).

Em grande escala, infelizmente, as mortes por COVID-19 foram tratadas a partir de uma ótica fria em determinados momentos. Isso porque, ao falar a esse respeito, geralmente o fazemos a partir de um viés pragmático, reduzindo essas perdas a uma mera questão estatística (Bianco & Moura, 2020). Isso se desenrola, claro, devido ao alto índice de óbitos por COVID-19, tendo ocorrido com mais frequência na fase aguda da pandemia. No entanto, essa explicação não torna menos violenta a forma como tais perdas vêm sendo abordadas ao longo do tempo (Albuquerque et al., 2021).

Por fim, ver a principal autoridade nacional imitar pessoas com falta de ar⁴ em um momento tão trágico trouxe inúmeras afetações para as pessoas que perderam entes por COVID-19. Além disso, é necessário repensar os sistemas de saúde e as políticas públicas, visando garantir o acesso universal e equitativo aos serviços e recursos necessários para lidar com a pandemia. Hoje, essas pessoas convivem com essa perda e, diante dessa emergência, inúmeras pesquisas ao longo dos últimos anos foram publicadas.

Diante disso, a nossa proposta caminha na intenção de propor um olhar fenomenológico a respeito do luto pelas mortes de COVID-19. O próximo capítulo desta dissertação se dedica a apresentá-las, a fim de enriquecer o nosso campo teórico.

⁴ Para mais, ver em: www.poder360.com.br/governo/assista-aos-2-videos-com-bolsonaro-imitando-ter-falta-de-ar

3 UMA REVISÃO DE ESCOPO SOBRE O LUTO POR MORTES DE COVID-19 EM ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS

Mesmo imersos em um mundo com um vasto campo tecnológico, inédito em comparação a outras pandemias, a recente crise da COVID-19 desnudou a fragilidade de nossa sociedade, a qual muitas vezes se mostrou resiliente frente às diversas adversidades.

A pandemia atual, que transcende o âmbito infeccioso para impactar integralmente nossas vidas, nos faz questionar a relação que tínhamos com o mundo anteriormente. Isso porque: “com a pandemia, perdemos uma certa intimidade com o mundo, uma confiança pré-reflexiva que nos permite nos sentirmos à vontade, onde as coisas e pessoas que eram banais (ou íntimas) agora são estranhas e até mesmo ameaçadoras” (Freitas, 2022, p. 104). Assim, ao olharmos a intimidade que mantínhamos com nosso mundo-vida antes deste terrível momento, nos damos conta que o nosso modo de estar no mundo foi modificado.

Em contraste com abordagens que propõem um olhar mais naturalista sobre nossas vivências, a fenomenologia se destaca ao propor uma compreensão da essência da experiência humana em articulação com a nossa existência, tal como acentua Merleau-Ponty (1945/2018), de modo a proporcionar um arcabouço conceitual valioso para que possamos compreender aquilo que nos dedicamos a estudar; em nosso caso, o luto por mortes de COVID-19.

3.1 O caminho traçado nesta revisão

Ao compreendermos a importância de produzir uma pesquisa como essa que fizemos, nos deparamos com a seguinte pergunta ao longo do processo: como artigos fundamentados na fenomenologia compreendem o luto por COVID-19? Para responder

a essa questão, realizamos uma revisão de escopo de artigos que falam sobre este luto a partir de uma perspectiva fenomenológica.

De modo geral, revisões de literatura dizem respeito à análise de um conjunto de pesquisas relacionadas a algum tema. Esse tipo de pesquisa se caracteriza por analisar uma série de documentos científicos e produzir um conhecimento rigoroso a partir disso (Canuto & Oliveira, 2020). Existem diversas maneiras de se realizar uma revisão de literatura, sendo a de escopo uma delas.

A revisão de escopo é uma ferramenta utilizada para compreender de modo mais aprofundado um certo número de investigações científicas, com objetivo de analisar esse conjunto de pesquisas e apresentar como foram produzidas (Cruz et al., 2024). Trata-se de um importante utensílio para que o pesquisador possa explorar os principais temas e lacunas presentes em certa área de pesquisa e abrir campo para que novas investigações sejam feitas (Sanchez et al., 2018; Cruz, et al., 2024). É importante ressaltar que todo processo de revisão é feito de modo rigoroso, onde todos os passos para a sua construção devem ser elaborados e descritos da maneira mais clara possível.

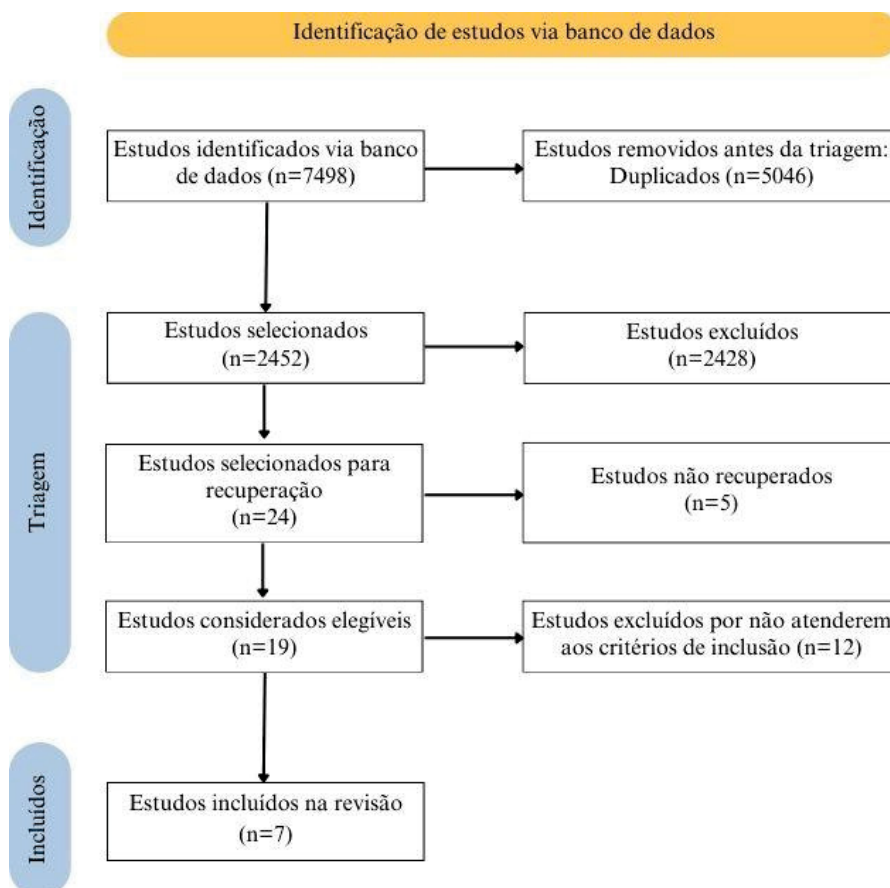
Em nosso caso, o primeiro passo realizado foi a definição da pergunta norteadora que nos guiou durante a procuração da revisão, bem como quais critérios de inclusão e exclusão seriam usados para o recrutamento de pesquisas. Após isso, definimos as palavras-chave para o recrutamento de artigos e em quais bases de dados essas buscas seriam realizadas. No terceiro momento, foram feitas as revisões a respeito das pesquisas encontradas, a fim de afunilar os artigos que seriam usados. Neste momento, foi importante ter em mente a pergunta norteadora e os critérios de inclusão e exclusão definidos no início desta revisão.

Na sequência, no quarto passo, analisamos a qualidade metodológica das pesquisas encontradas, a fim de filtrar os artigos com mais rigor, bem como aqueles que

estivessem alinhados aos critérios definidos no primeiro momento. Por último, com as pesquisas já recrutadas, elaboramos a exposição dos resultados presentes nas pesquisas que foram investigadas.

Depois de realizadas as leituras, no último passo reunimos os artigos em eixos temáticos, os quais foram divididos a partir da relação de sentido que ia se mostrando. Esta investigação incorporou o protocolo PRISMA-ScR. Este, por sua vez, tem como objetivo tornar revisões mais transparentes, seu motivo de produção e quais resultados foram encontrados (Page et al., 2022), como mostrado na Figura 1 abaixo.

Figura 1- Identificação de estudos via banco de dados



Fonte: Elaboração própria, 2024

Para a produção da nossa revisão, escolhemos artigos publicados entre 2021 e 2023, momento em que nossa investigação foi concluída. Usamos as seguintes bases de dados: Web of Science, Scopus, Pubmed e Lilacs. Essa revisão de literatura foi realizada por meio de palavras-chave inseridas nas bases de dados selecionadas, sendo elas: Luto AND COVID-19, Luto AND morte AND COVID-19, Grief AND COVID-19, Grief AND death AND COVID-19, Bereavement AND COVID-19, Bereavement AND death AND COVID-19, Mourning AND COVID-19 e Mourning AND death COVID-19.

Escolhemos essas palavras-chave para que a partir delas tivéssemos uma visão clara a respeito do campo geral de pesquisas a respeito deste luto, uma vez que queríamos mapear o panorama em relação às investigações realizadas neste contexto, de modo mais imparcial possível. Com isso foi possível enxergar o número de investigações orientadas pela fenomenologia *versus* pesquisas com outros tipos de olhares.

Com a preocupação de escolhermos pesquisas mais robustas, os artigos selecionados deveriam ser classificados com CAPES qualis A1, A2, B1, B2, ou com fator de impacto superior a 1.0. Estudos sem acesso livre, teóricos e não fenomenológicos não foram selecionados como amostra. Encontramos um total de 7.498 artigos. Excluimos os artigos duplicados, resultando em 2.452 pesquisas. Destes, fomos em busca dos trabalhos que tinham como base compreensiva do luto pela morte de COVID-19 a fenomenologia. Tendo feito esse passo, ficamos com 12 artigos para a produção desta revisão, dos quais, 5 eram pagos e, por isso, foram retirados de nossa pesquisa, o que resultou em um total de 7 artigos.

3.2 A amostra

A amostra final analisada nesta revisão foi constituída a partir de artigos publicados entre 2021 e 2023. Essas pesquisas foram encontradas nas seguintes revistas:

OMEGA (04 publicações), Revista Ciencia Y Cuidado (01 publicação) e Nursing Open (01 publicação) e Death Studies (01 publicação). Geograficamente, 86% das publicações usadas para fazer esta pesquisa foram elaboradas no continente asiático, sendo que uma delas foi produzida nas Filipinas e as demais no oriente médio. Por fim, o artigo americano que faz parte desta revisão foi produzido na parte sul do continente, na Colômbia. Na tabela abaixo, apresentamos os artigos:

Tabela 1- Apresentação dos artigos incluídos na revisão

Título	Autores	Ano
Beyond a traumatic loss: the experience of mourning alone after parental death during Covid-19 pandemic	Zahra Asgari, Naghavi e Abedi	2021
Complicated grief: The lived experiences of those bereaved by Covid-19	Leila Ostadhashemi et al.	2022
Grief experiences of families of individuals who died due to coronavirus disease-19: A qualitative study	Betül, Falzarano, She, Winoker e Prigerson	2022
Mourning during corona: A phenomenological study of grief experience among close relatives during Covid-19 pandemics	Mortazavi, Shabazi, Taban, Alimohammadi e Shati	2023
Nurse's bereavement experiences of a deceased colleague due to Covid-19	Najafi F, Mardanian Dehkordi L, Khodayari S, Jaafarpour M, Nasrabadi A.	2023
Significado del duelo frente al COVID en estudiantes y profesores de enfermería [Meaning of grief during COVID-19 in nursing students and professors].	Merilym, Guerra-Ramirez, Dehkordi L, Khodayari S, Jaafarpour M, Nasrabadi A,	2022
The lived experiences of bereaved Filipino families of the deceased due to the COVID-19 pandemic.	Gamad, M. J. G, et al.	2022

Fonte: Elaboração própria, 2024

3.3 Os resultados encontrados nessas pesquisas

A partir dos 7 artigos separados para compor esta revisão, chegamos a três temas que constituíam a experiência das pessoas que participaram de tais pesquisas, a saber: “Vivenciando um luto em mundo diferente”, onde essas pessoas refletiam sobre estarem vivendo essa experiência dentro dos contornos que a pandemia de COVID-19 instituiu. No segundo tema, “Um luto não legitimado”, indicamos reflexões a respeito da não legitimação que essa experiência teve na vida de algumas pessoas que tiveram que enfrentar uma experiência tão dolorosa como essa. O último tema, “O luto daqueles que atuaram na linha de frente para combater o vírus de COVID-19”, aborda essa experiência no campo dos profissionais de saúde, algo que em muitos momentos é esquecido e ainda assim deve ser refletido sempre que possível.

3.3.1 *Vivenciando o luto em um mundo diferente*

Em uma pesquisa cujo objetivo era compreender a vivência do luto de 15 pessoas que perderam entes queridos por COVID-19, realizada por Mortazavi et al. (2023), os participantes refletiram que seus mundos estavam despedaçados. Ao entrevistarem essas pessoas, os pesquisadores tomaram como tema essencial de investigação a perda de controle sobre o mundo. Os enlutados deram ênfase ao mundo novo imposto pela pandemia de COVID-19, onde tinham de conviver com restrições sociais que acabaram contornando toda a vivência de luto que tiveram.

Com as inúmeras restrições impostas para estancar o avanço do vírus de COVID-19, muitas vezes, muitos costumes tiveram de ser interrompidos momentaneamente, tal como ocorreu com a impossibilidade da realização de funerais. A realização de rituais de

despedida é um costume comum, e cada cultura carrega seus contornos para tal. Esses rituais, muitas vezes, prestam conforto aos enlutados neste momento de dor, oferecendo-lhes uma explicação sobre a morte (Farinasso & Labate, 2012).

Em uma pesquisa realizada por Mary Joyce Gamad et al. (2022), nas Filipinas, os autores compreenderam, por meio da fala de três famílias participantes do estudo, que houve uma mudança abrupta na forma como essas pessoas lidavam com a morte em comparação à quando perderam alguém por COVID-19. Tal fato foi observado, principalmente, por conta das mudanças que os rituais de despedida, importantes em inúmeras culturas e religiões, sofreram ao longo dos momentos agudos da pandemia de COVID-19. Durante esse momento, os corpos das pessoas que morreram por conta desse vírus, tiveram de ser cremados, alterando por completo os ritos de passagem que essas pessoas estavam acostumadas.

Ainda, esse estudo evidenciou que, por conta da mudança desses ritos, os enlutados se sentiram mais ansiosos e ficaram mais deprimidos. Isso também se reflete na pesquisa de Leila Ostadhashemi et al. (2022), realizada no Irã, com 18 pessoas. Os participantes também indicaram dificuldades em relação ao processo de luto, tendo em vista que não puderam se despedir de seus entes queridos da maneira como estavam acostumados.

Na pesquisa de Zahra Asgari et al. (2021), realizada com adolescentes que perderam seus pais por morte de COVID-19, os pesquisadores buscaram compreender de modo detalhado como foi para essas pessoas passarem pela experiência desse luto. Os enlutados refletiram sobre a falta de apoio social em meio ao processo de luto, uma vez que, durante o isolamento social, não tiveram a oportunidade de estar fisicamente com as pessoas que lhes eram significativas, se sentindo muitas vezes sozinhos durante essa experiência. Esses participantes também comentaram sobre a impossibilidade de fazerem

rituais de despedida para seus pais, algo que para elas seria importante e que, conforme destacaram, tal ausência tornou essa experiência ainda mais dolorida.

Muitas vezes a ausência ou modificação desses rituais levou essas pessoas a experimentarem uma ambiguidade em suas vivências, esperando que a qualquer momento o ente falecido pudesse retornar para sua casa. Tal fato também é demonstrado pelas pessoas que participaram da pesquisa de Gamad et al. (2022), como indicado anteriormente. É importante destacar que esses ritos de despedida muitas vezes estão associados a alguma religiosidade e espiritualidade, que atuam como um agente importante na experiência de luto de muitas pessoas. Nessa pesquisa, participantes também refletiram sobre a importância que suas crenças têm quando o assunto é o luto, demonstrando ainda mais a importância desses rituais em suas experiências de luto.

Durante nossa busca, nos deparamos com pesquisas nas quais os participantes relataram essa experiência, a exemplo da investigação realizada por Betül et al. (2022). Os autores entrevistaram 17 pessoas que perderam parentes de primeiro grau por COVID-19. Na referida pesquisa, além das pessoas terem refletido sobre a falta que os rituais de despedida fizeram, ficou evidente também que, para esses enlutados, o que estava latente era a morte ter ocorrido em um período de isolamento, onde não puderam compartilhar esse momento com as pessoas que lhes eram próximas, além de não terem tido a possibilidade de estar com o falecido para dar o último adeus.

3.3.2 Um luto não legitimado

Durante a pandemia de COVID-19, em meio a milhares de mortes abruptas, nem sempre as perdas dos enlutados foram legitimadas socialmente, evidenciando uma

espécie de luto não reconhecido⁵. Faz-se importante saber que este termo é usado quando uma pessoa passa por alguma perda que não é admitida, sendo então censurada pela sociedade ou até mesmo pelo próprio enlutado (Franco, 2021). Esse tipo de vivência também apareceu nas pesquisas que encontramos para a elaboração desta revisão.

Na investigação realizada por Ostadhashemi et al., (2022) com 18 pessoas, os participantes refletiram que se sentiam abandonados por familiares e amigos, indicando uma certa solidão diante de seus lutos. Essas pessoas também refletiram que suas perdas muitas vezes não foram legitimadas nos contextos em que viviam. Alguns dos participantes mencionaram ainda que essa sensação os acompanha desde o primeiro momento de morte, onde sentiram que os profissionais de saúde que acompanharam os seus entes, não os respeitaram e tampouco fizeram isso com os corpos das pessoas que morreram, tratando-os de modo frio e descartável. Os participantes refletiram que se sentiram desrespeitados neste momento.

Também é importante levar em conta, também, a experiência de luto dos profissionais atuantes na área de saúde. Muitas vezes acabavam tendo que lidar com um grande número de mortes, o que, para muitos, indicava estarem agindo de modo frio. É importante, porém, que seja refletido sobre o lado dessas pessoas e as perdas que os atravessaram ao longo dos momentos pandêmicos. A seguir, apresentamos algumas pesquisas que abordam este tema.

⁵ O termo “luto não reconhecido” (Doka, 1989; Corr, 2002) é empregado quando a pessoa experiencia uma perda que não pode ser admitida abertamente; o luto não pode ser expresso ou socialmente suportado.

3.3.3 O luto daqueles que atuaram na linha de frente para combater o vírus de COVID-19

A pesquisa fenomenológica realizada por Najafi et al. (2023) teve por objetivo compreender a vivência do luto de 10 enfermeiros que perderam colegas de equipe para a COVID-19. Na fala das pessoas participantes, fica evidente que, para elas, seus colegas tiveram uma morte que deveria ser considerada espantosa, tamanha a descrença que tiveram ao saberem que seus colegas haviam falecido por COVID-19, além do início abrupto da pandemia. Por vezes, tais mortes serviram como um “alerta” em relação aos riscos que esses profissionais estavam correndo por conta de suas profissões, o que levou ao pedido de demissão de algumas dessas pessoas.

Na investigação conduzida por Merilyn Guerra-Ramirez et al., em 2022, foram entrevistados 24 estudantes de enfermagem e 28 professores universitários de cursos de saúde que perderam pessoas para a COVID-19. Esses participantes destacaram a importância que deram à procura de apoio não apenas religioso, mas também a busca por acompanhamento profissional. Refletiram sobre a dor de continuar vivendo em meio ao cenário que culminou na morte de seus entes, especialmente por serem profissionais de saúde atuantes na linha de frente do combate à doença.

A partir dessas pesquisas observamos algumas especificidades na experiência de luto por mortes de COVID-19. No primeiro eixo temático, observamos que as restrições impostas pela pandemia atravessaram a forma como muitas pessoas viveram este luto. No tema seguinte, evidenciamos que pessoas que perderam entes por conta da COVID-19 sentiram que seus lutos não eram legitimados perante a sociedade, destacando a falta de apoio social para lidar com essas perdas.

O último tema, por sua vez, refletiu sobre a vivência de luto que profissionais da saúde atravessaram nesse momento. Vimos que essas pessoas, mesmo em risco, por

atuarem na linha de frente durante o combate à pandemia, muitas vezes tinham de trabalhar com o receio de que poderiam levar algum tipo de infecção para suas casas, além de que, em alguns momentos, esses profissionais tiveram de trabalhar diretamente com a doença que acabou culminando na morte de seus entes queridos. Este tema, em especial, nos faz refletir sobre um certo apagamento na vivência de luto desses profissionais.

Em tempo, ao apresentarmos a quantidade total de artigos publicados a respeito do luto pela morte de COVID-19 e quando chegamos ao número que usamos nessa revisão, nos deparamos com a necessidade de pesquisas fenomenológicas a respeito deste tema. Faz-se necessário refletir que o luto é uma experiência singular, que transforma a vida de quem passa por essa vivência.

Ainda, a maior parte das publicações a respeito do luto por mortes de COVID-19 foram elaboradas no continente asiático, de modo que se torna importante compreender essa experiência também em outras culturas. Esse fato acaba reforçando a importância de uma construção de conhecimento compreensiva a respeito de um tema que tocou a vida de milhares de pessoas ao redor do globo, tal como buscamos com essa dissertação e que será aprofundada no próximo capítulo.

4 OS PASSOS PARA A NOSSA COMPREENSÃO DO LUTO POR COVID-19

Caminhante, não existe caminho.

O caminho se faz caminhando

(Antonio Machado, 1912)

4.1 Contextualizando a pesquisa: os grupos de acolhimento

Neste capítulo, apresento o método para que se possa compreender a experiência de luto por mortes de COVID-19. Porém, antes disso, compreendo ser necessário dar um passo atrás e contextualizar o leitor a respeito de algo que foi essencial para a produção desta pesquisa. Na introdução, expus que minha dissertação é um recorte de uma investigação mais ampla feita na Universidade Federal do Paraná, onde foram realizados grupos de acolhimento para pessoas que haviam perdido entes por COVID-19 e que tinha como pergunta de pesquisa: como é a experiência do luto por mortes de COVID-19?

Portanto, é necessário explicitar como foi este primeiro momento da pesquisa. Em meio a necessidade que emergia no início do período pandêmico, o projeto *Luto, vivência e possibilidades II*, realizou uma série de grupos de apoio a pessoas que tinham perdido entes por mortes de COVID-19. O objetivo proposto neste primeiro percurso foi oferecer a esses enlutados, um espaço para que pudessem expressar seus sentimentos e compartilhá-los com outras pessoas que estivessem passando por um momento similar (Freitas, 2022). A esse respeito, vemos que:

A realização de intervenções no luto em contexto grupal consiste não apenas em promover um espaço de escuta à pessoa em sofrimento, mas também envolve a possibilidade de oferecer um espaço de compartilhamento de vivências de luto, tornando essa experiência menos individualizada ou privatizada (Luna, 2020, p. 48).

A partir das restrições impostas pela pandemia, esses encontros foram realizados de forma virtual e a divulgação foi feita nas redes sociais. Freitas (2022), reflete que ao mesmo tempo em que esse fato trouxe privações em relação ao contato físico, a atuação

de forma remota possibilitou acolher pessoas de diversos lugares do Brasil. Cabe dizer que a participação nesses grupos foi aceita a partir de algumas diretrizes, que foram observadas em um primeiro contato com essas pessoas, que serviu como uma espécie de triagem.

Os critérios de inclusão para participação nos grupos foram os seguintes: idade acima de 18 anos e ter perdido algum ente querido por COVID-19. Foram garantidos os aspectos éticos, ressaltando-se o sigilo das informações prestadas. Aqueles que concordaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes do grupo não eram obrigados a participar da pesquisa, podendo permanecer no grupo de apoio. Eles também podiam desistir da participação no grupo ou na pesquisa a qualquer momento, sem que isso lhes ocasionasse nenhum prejuízo. Como critério de exclusão para participação nos grupos: pessoas que apresentaram algum traço de comprometimento psicótico ou dissociação.

No que tange às dinâmicas dos grupos, os mesmos foram orientados por uma perspectiva fenomenológica, privilegiando a experiência vivida, abrindo-se às possibilidades de significação a respeito desta vivência que emergiram com o decorrer dos encontros (Freitas, 2022). Esses grupos se configuravam como semiabertos, pois, apesar de qualquer pessoa com mais de 18 anos e enlutada por COVID-19 pudesse participar, não eram aceitos novos participantes após o primeiro encontro de cada grupo. Cada um desses grupos possuía entre 06 e 10 participantes e ocorreu semanalmente, durante 06 a 08 semanas, com encontros de no mínimo uma hora e meia de duração. Eles eram mediados pela Professora Doutora Joanneliese de Lucas Freitas ou por uma dupla de estagiárias.

Freitas (2022), diz que nos primeiros encontros, realizados em 2020, não houve tantas reflexões que falassem especificamente a respeito da experiência de perder um ente por COVID-19, mas, em geral, eram significadas como culpa, dor, solidão e perda de sentido existencial. Porém, à medida que a pandemia avançava, com os inúmeros

atravessamentos que vimos em nosso país, a dinâmica dos grupos mudava, evidenciando os engendramentos presentes nesta vivência, conforme é exposto:

À medida que o tempo passava, notávamos que as experiências compartilhadas nos grupos adquiriam contornos distintos e a expressão do sofrimento foi se tornando mais intensa, portanto, a experiência de enlutamento e sua expressão se modificava com a intensificação da própria pandemia e de suas dificuldades (Freitas, 2022, p. 104).

Com a elaboração destes grupos de acolhimento, Freitas (2022), destaca que as pessoas participavam dos encontros logo após terem passado por aquelas perdas, um momento específico deste luto, tornando importante pesquisas que continuem, ao longo do tempo, ouvindo a experiência de pessoas que perderam entes por COVID-19. Também é destacado que os grupos elaborados de forma longitudinal, evidenciaram que a experiência deste luto não é cristalizada, mas que a partir dos movimentos que a pandemia tomava, ganhava novos contornos. Cabe dizer que participaram pessoas de três regiões brasileiras: sul, sudeste e centro-oeste, com idades entre 23 e 68 anos. Essas pessoas perderam entes queridos que lhes eram próximos, além de 13 que enfrentaram múltiplas perdas (Freitas, 2023).

4.2 O segundo momento: a minha pesquisa

Quando comecei desenvolver minha pesquisa, tinha como ideia realizar entrevistas individuais com pessoas as que participaram dos grupos mencionados anteriormente, a fim de compreender suas experiências após suas perdas terem ocorrido há um certo tempo. No entanto, como de costume em pesquisas, alguns processos ao longo do caminho acabam se alterando. Como eu não participei do primeiro momento desta pesquisa, fiquei receoso e ao mesmo tempo compreendi que tinha em mãos a possibilidade de compreender essas experiências de luto logo após as perdas terem

ocorrido, uma vez que os encontros eram realizados nos momentos mais agudos da pandemia.

Com os cadernos de relatoria em mãos, decidi usar dois grupos para fazer a análise fenomenológica. Com relação aos que foram escolhidos, intitulados como A e 06, ao ler os cadernos de relatoria, observei que os encontros foram marcados por emoções que contornam o luto por mortes de COVID-19. A troca de experiências que os grupos proporcionaram promoveu não apenas alívio emocional, mas trouxe a oportunidade de ressignificação em relação àquela experiência por qual todos os participantes atravessavam. Esse processo coletivo evidenciou a importância de espaços terapêuticos que visem a compreensão dessas pessoas, contribuindo para o atravessamento daquele momento de forma compartilhada.

Ressalto, novamente, que embora eu não tenha feito parte da primeira parte desta pesquisa, compreendo que o trabalho grupal foi fundamental para a elaboração desta dissertação, uma vez que permitiu uma maior compreensão a respeito do tema que trabalhei ao longo do meu mestrado.

4.2.1 Os critérios de inclusão e exclusão da minha pesquisa

A partir do instante em que tive em mãos os cadernos de relatoria, precisei estabelecer critérios para que eu pudesse ter uma análise mais rica a respeito do assunto. Sendo assim, como critério de inclusão, optamos pelos relatos que exploravam a experiência de luto por mortes de COVID-19. No caso das falas de pessoas que não assinaram o TCLE, o relato era imediatamente retirado de nossa análise, sendo, então, um critério de exclusão.

As pessoas cujas falas foram analisadas encontram-se apresentadas na tabela abaixo, e cabe ressaltar que os nomes empregados para cada uma delas é fictício, a fim de que suas identidades pudessem ser preservadas. (Tabela 2).

Tabela 2- Perfil dos participantes que participaram dos relatos

Nome	Sexo	Idade	Quem perdeu	Grupo que participou
Carolina	Feminino	38	Pai	Grupo A
Livia	Feminino	37	Mãe	Grupo A
Franciane	Feminino	24	Mãe	Grupo A
Larissa	Feminino	36	Mãe	Grupo A
Camila	Feminino	55	Pai	Grupo A
Aneliana	Feminino	35	Pai e marido	Grupo 6
Luisa	Feminino	36	Pai	Grupo A

Fonte: Elaboração própria, 2024

Para deixar mais claro ao leitor a forma como construímos a nossa análise, a partir dos recortes que selecionamos, apresento a seguir o modo como chegamos aos relatos que serão apresentadas no capítulo 05.

4.2.2 A separação dos relatos

A etapa onde os relatos foram separados foi fundamental para que essa dissertação pudesse ter sido realizada. Como abordado anteriormente, na ocasião onde os grupos de acolhimento ocorreram, eu ainda não fazia parte desta pesquisa, de modo que tive acesso às experiências destas pessoas por meio da produção realizada pela relatoria. A partir disso, compreendi que era necessário definir um modo para que essa etapa pudesse ser realizada, uma vez que foram lidos 21 cadernos de relatos, sendo que em cada um deles estavam transcritos cerca de oito encontros. Este momento foi organizado da seguinte forma:

- 1) Em um primeiro momento, tendo em mãos os cadernos de relatos, fiz uma leitura integral e minuciosa de tudo o que foi dito pelos participantes, para que eu pudesse me inteirar e mergulhar nas experiências que emergiram durante os encontros;
- 2) Embora o foco não fosse analisar os grupos, compreendi que seria necessário separar dois deles para que eu pudesse afunilar a minha análise. Ressalto que

selecionei os dois onde mais aparecem experiências de luto por mortes de COVID-19, algo que privilegiaria a nossa análise. Reforço que na minha pesquisa, os relatos escolhidos foram aqueles onde os participantes preencheram o segundo TCLE, que foi apresentado durante os encontros. Deste modo, escolhi grupos onde havia uma maior concentração de assinaturas;

3) Em sequência, a partir do objetivo que tinha, reli os cadernos escolhidos e separei os relatos de pessoas que refletiam sobre a experiência de perder algum ente por COVID-19.

Levando em conta as experiências das pessoas que participaram dos grupos e os objetivos desta pesquisa, com a etapa de separação de relatos concluída e tendo feito, agora, a contextualização a respeito de como chegamos aos dados que foram analisados, caminhamos em direção à construção de um conhecimento qualitativo a respeito da experiência de luto por mortes de COVID-19.

Deste modo, a pesquisa qualitativa emerge no campo da Psicologia em um momento no qual as epistemologias mais usadas eram as quantitativas, que carregavam enorme influência das ciências naturais. Embora importantes, elas não conseguiam compreender o ser humano em toda a sua complexidade, uma vez que uma característica das posturas naturalistas era a de objetificar os seus objetos de pesquisa (Holanda, 2002). De acordo com Turato (2000), na pesquisa qualitativa os fenômenos são o que há de mais importante para quem os investiga. Este tipo de investigação possibilita uma compreensão profunda dos fenômenos que a proposta quantitativa não alcança.

Por fim, o modo que adotamos para fazer a análise dos relatos que foram selecionados, seguindo os preceitos da pesquisa qualitativa, é a análise fenomenológica crítica (ou mundana), desenvolvida por Virginia Moreira (2004), tendo em vista que a mesma visa compreender a experiência vivida a partir de seus contornos existenciais.

4.4 O método fenomenológico

A palavra fenomenologia é composta por outras duas: fenômeno e logos. Por fenomenologia, entendemos: “o discurso do que se mostra como é” (Bicudo, 1994, p. 20). Essa proposta filosófica foi fundada na Alemanha no final do século XIX e início do XX, por Edmund Husserl (Zahavi, 2019). O esforço de Husserl esteve direcionado à tensão ocasionada pelo positivismo, que instaurou uma crise na filosofia e nas ciências; o filósofo então questionava o fato de as ciências humanas, por exemplo, naturalizar os fenômenos humanos, enquanto as ciências biológicas sequer questionavam sua própria concepção, colocando-a como uma verdade absoluta (Zahavi, 2019).

Nesse sentido, tais saberes mantinham-se numa atitude natural⁶, enxergando o mundo como algo objetivo, feito de relações causais, sem uma atitude reflexiva perante seus acontecimentos (Cerbone, 2006). Ao passo que a Fenomenologia, crítica a esse saber automático, visa retornar ao conhecimento daquilo que foi vivido. Husserl criticava a visão dualista entre sujeito e objeto (subjetividade e objetividade) que se tem em outras formas de conhecimento (Zahavi, 2019).

Diante disso, Husserl propôs que toda consciência é intencional, ou seja, não há uma consciência sozinha, individualizada ou internalizada, antes uma “consciência de”, e o mundo só é mundo a partir do momento que um sujeito o percebe. O entrelaçamento entre consciência e objeto, em fenomenologia, mostra-se como *noesis* e *noema*. A *noesis* diz respeito ao ato de perceber alguma coisa, enquanto a *noema* fala daquilo que foi experienciado; sendo esta segunda o que mais nos interessa, pois trata-se da coisa mesma, isto é, o fenômeno como se apresenta à consciência (Cobra, 2005).

⁶ “Husserl irá reclamar para o seu projecto um outro estilo de atitude, distinto daquele que está presente no homem de senso comum, bem como no cientista moderno – a atitude natural. Que mundo é este o da atitude natural e que significado lhe dá o autor? Trata-se do mundo que me precede e que está aí sempre presente, de forma continuada. Um mundo, espaço, temporal e factualmente dado” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 46).

O método que Husserl encontrou para compreender com o devido rigor a maneira que o fenômeno se mostra à consciência, se deu a partir de dois momentos (Bicudo, 1994); a *epoché*, e, em seguida, a redução. Nas palavras de Husserl (1929, p. 9): “mediante a *epoché* fenomenológica reduz-se o eu humano natural e, claro está, o meu, ao transcendental; e é assim que se entende a elocução acerca da redução fenomenológica”. Assim, nesse primeiro instante, buscamos suspender qualquer tipo de conhecimento a respeito de determinado fenômeno, nos afastando da atitude natural. Suspendendo-a, abrimos espaço para que o fenômeno apareça da maneira como ele é para a consciência, de modo que o fenomenólogo possa captar a sua essência (Matthews, 2011).

Após a suspensão, no segundo instante chegamos à redução, ocasião em que são descritas as características essenciais do fenômeno. Andrade e Holanda (2010) afirmam que a redução consiste em uma profunda reflexão na qual se revelam nossos preconceitos diante de alguma situação. Isso ocorre a fim de que possamos, sem jamais negar sua existência, compreender determinados fenômenos da maneira como eles realmente nos aparecem. Por meio desse exercício, podemos rearticular aquela primeira visão que temos a respeito do mundo.

De acordo com Holanda (2006), o método fenomenológico visa um retorno àquilo que foi vivido, constituindo-se numa abordagem descritiva e abrindo caminho para que os fenômenos falem por si mesmos. Tal ação permite ao pesquisador compreender a experiência vivida. Nesse sentido, as pesquisas de orientação fenomenológica possuem como objetivo compreender as coisas da maneira como elas aparecem à consciência daquele que estiver participando da investigação.

Por fim, cabe ressaltar que cada pesquisador se orienta a partir de suas influências dentro da fenomenologia. Pesquisadores influenciados por uma vertente Husserliana, por exemplo, tendem a ir em busca dos constituintes essenciais do fenômeno que estiverem

pesquisando, enquanto os estudiosos que se orientam a partir de Merleau-Ponty, por sua vez, lançam mão de uma compreensão mundana em suas pesquisas, levando em conta os múltiplos contornos que se entrelaçam nessa vivência (Moreira, 2004). A pesquisa que desenvolvemos se encontra arraigada nesta segunda forma de compreensão.

4.4.1 O método fenomenológico crítico ou mundano

Em Rochefort-sur-Mer, França, aos 14 dias de março de 1908, nasceu Merleau-Ponty, aquele que seria um dos principais pensadores da fenomenologia (Caminha, 2019). Em 1929, durante seus estudos, Merleau-Ponty entrou em contato com as obras de Husserl e Heidegger, mediado pelo seu professor de filosofia alemã contemporânea Georges Gurvitch. Em 1939, na Universidade de Louvain, Bélgica, leu os textos inéditos de Husserl – produções que marcaram profundamente sua obra (Caminha, 2019).

Merleau-Ponty instituiu em sua fenomenologia uma ênfase no mundano, ao colocar o ser humano em situação a partir do momento em que compreende o nosso campo perceptivo como existencial (Caminha, 2019). Ele aponta que toda ação do ser humano se dá sob um fundo: o mundo que sempre se faz presente, sendo esse a fonte de todo o conhecimento (Merleau-Ponty, 1945/2018). O filósofo define a fenomenologia como:

O estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a Fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade” (Merleau-Ponty, 1945/2018, p. 1).

Para Merleau-Ponty, a fenomenologia não é um idealismo transcendental, pois procura tematizar a existência do ser-no-mundo. Em sua visão, não há um ser interior, mas um ser consagrado a esse mundo (Merleau-Ponty, 1945/2018). A seu ver, a

fenomenologia deve se voltar ao ser humano concreto e histórico, levando em consideração as suas múltiplas dimensões. Em suas palavras,

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (Merleau-Ponty, 1945/2018, p. 3).

Nesta pesquisa fenomenológica, influenciada pelo pensamento desenvolvido por Merleau-Ponty, temos como objetivo compreender o significado da experiência da pessoa participante da pesquisa sem perder de vista seus múltiplos contornos (Moreira, 2004). Portanto, trata-se da busca de um significado singular que se entrelaça ao mundo-vida dessa pessoa (Guedes & Moreira, 2009). Compreendemos que a fenomenologia de Merleau-Ponty nos fornece uma possibilidade de compreensão a respeito dos fenômenos sem retirá-los das estruturas sociais e históricas que os contornam.

O método fenomenológico utilizado nesta pesquisa – a saber, método fenomenológico crítico (ou mundano) – foi desenvolvido a partir do trabalho de Virginia Moreira (2004). Essa autora, psicóloga e pesquisadora brasileira, traz à tona uma proposta inspirada no tradicional modelo proposto por Amedeo Giorgi (2010). Tal possibilidade, desenvolvida por Moreira (2004), valoriza a relação intersubjetiva entre o pesquisador e o participante, compreendendo que ambos estão inseridos em determinado mundo. Assumimos que o conhecimento é algo mundano, da mesma forma como é a pessoa que o desenvolve. Ao contrário disso, correríamos o risco de recair em uma postura idealista e ingênua, uma vez que estaríamos descolando a pessoa de seu solo, ou melhor, de seu mundo (Moreira, 2004).

Tal como nos lembra Merleau-Ponty (1945/2018), a maior lição que a redução nos ensina é o seu caráter de incompletude. Para o pesquisador lançar mão desta tarefa impossível, é necessário se debruçar diante do fenômeno para o qual visa essa suspensão. Quando falamos sobre a tarefa da redução em uma pesquisa fenomenológica, Moreira (2017) reflete que essa suspensão de saberes não indica uma negação de nosso vínculo com o mundo, mas de uma nova possibilidade para que esse mesmo mundo possa ser desvelado de outra forma.

Suspender não significa negar o vínculo que nos une ao mundo físico, social e cultural, mas ver o mundo e ter a consciência dele através de um passo para trás.

Trata-se de um artifício para revelar o mundo, colocando a nossa relação com ele em suspenso (Moreira, 2017, p. 66).

Ao desenvolvermos uma pesquisa sobre o luto por mortes de COVID-19 em meio a essa pandemia, essa “mundanidade” se tornou ainda mais evidente. Ter saído de um mundo onde as coisas eram imediatas e adentrar em um outro, onde tudo passa a ser novo e inseguro, certamente foi umas das fontes que motivaram a produção desta pesquisa. Nessa perspectiva, o método fenomenológico crítico (ou mundano) abre as portas para o mundo do pesquisador. Ele pode sair dos parênteses e apresentar sua mundanidade na pesquisa, afinal, o seu mundo é sempre o ponto de partida para a produção de tal conhecimento. Sobre isso, Moreira (2017) afirma que,

O pesquisador jamais será neutro e, na medida em que faz parte do mundo, o constitui e é constituído por este, o conhece, este mundo lhe é familiar. Será justamente para romper esta familiaridade que ele utilizar-se-á da redução fenomenológica, que, como adiantei, nunca será completa (...) (p. 452).

Logo, compreendemos que essa proposta fenomenológica vai ao encontro desta pesquisa, pois procuramos conhecer a experiência de pessoas que perderam entes por

COVID-19 no Brasil, país que sofreu várias reverberações políticas, sociais e culturais nos momentos mais agudos da pandemia. Assumindo essa mundanidade, realizamos análises a respeito da fala de pessoas que estiveram presentes em grupos de acolhimento que ocorreram nos momentos mais agudos da pandemia e que foram propostos na Universidade Federal do Paraná.

4.2 A análise fenomenológica crítica (ou mundana)

Em busca de uma compreensão mundana a respeito da experiência de luto por mortes de COVID-19, para fazer a análise fenomenológica da experiência das pessoas que estiveram nos grupos de apoio, optamos por, em primeiro lugar, realizar uma leitura rigorosa das falas de alguns dos participantes. Após, voltamos ao início da fala dessas pessoas para anotar todos os momentos em que foi aprofundada a vivência de luto por morte de COVID-19. Na sequência, elaboramos temas constituintes. Tais temas foram nomeados a partir do sentido que emergia nas experiências que tínhamos acesso. Esses temas, por sua vez, construíram eixos de sentido que serão apresentados no decorrer desta dissertação.

É importante destacar que esses eixos temáticos, em uma pesquisa qualitativa, não são elaborados a partir de uma quantificação, ou seja, quantas vezes eles aparecem. Ao contrário disso, são categorizados pela forma como se entrelaçam à experiência da pessoa. Os temas que apareceram nas experiências foram analisados entrelaçados aos estudos já realizados sobre o luto por mortes de COVID-19. Portanto, as análises seguiram os seguintes passos:

1. Após a separação dos relatos que seriam usados nesta pesquisa, em um outro momento, fiz uma nova leitura literal e exaustiva das relatorias onde constavam as falas das participantes, lançando mão da redução fenomenológica;

2. Realizei a demarcação dos momentos em que as participantes exploraram suas experiências de luto por mortes de COVID-19;
3. Elaborei de temas constituintes a partir dos movimentos de sentidos vistos nas experiências de luto dessas pessoas;
4. Com a elaboração dos temas constituintes, foram desenvolvidos três eixos temáticos para que as experiências de luto pudessem ser descritas de forma organizada;
5. Sair dos parênteses: Neste momento, o pesquisador assume a sua posição mundana em sua pesquisa. Aqui, voltamos o nosso olhar para nossas compreensões e possíveis caminhos para a nossa pesquisa, de forma a dialogar com os resultados que foram obtidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O método fenomenológico crítico (ou mundano) utilizado nesta pesquisa foi escolhido desde o primeiro momento em que se iniciou o desenvolvimento desta dissertação. Todos nós estávamos diante de um luto marcado pelo mundo antes vivido. Por mais que tenhamos tentado tomar outros caminhos e ir ao encontro de uma perspectiva que interiorizasse esse luto, isso não se efetivou. Nos demos conta de que a perspectiva adotada ao longo do desenvolvimento desta dissertação dizia de uma proposta mundana e que, conforme a pesquisa ia caminhando, essa mundanidade tomava cada vez mais espaço em nossa forma de compreender essa experiência.

A partir disso, foram elaborados três eixos temáticos por meio da simetria de sentidos observada nas falas das participantes, com foco em suas experiências de luto. Esses eixos sintetizam não apenas aspectos recorrentes nas experiências de luto por mortes de COVID-19, mas também nos apresentam as camadas de sentido que dialogam com o mundo em que este luto foi vivido.

No primeiro, *As Experiências com a Despedida no Luto por COVID-19*, abordamos como foi para essas pessoas as experiências de despedidas nesse tipo de luto. No segundo, *Sensação de Banalização em Relação a Pandemia*, aprofundamos o fato de que, para algumas pessoas que perderam entes por conta deste vírus, este momento foi vivido como um evento que acabou sendo socialmente banalizado. Por último, *Sentimentos Relativos à Doença e ao Contexto Pandêmico* constitui o terceiro eixo, no qual refletimos a respeito dos sentimentos relativos à doença e ao contexto pandêmico.

A seguir, para que a(o) leitora/leitor tenha maior clareza, é apresentado um quadro com os subtemas constituintes e de fundamentação desses eixos que serão posteriormente aprofundados:

Quadro 1- Eixos temáticos e seus temas constituintes

Eixos temáticos	Temas constituintes
As experiências com a despedida no luto por Covid-19	Uma morte solitária; As despedidas como vetor para sofrimento; O sofrimento pela privação ao corpo do ente querido; Um sentimento de que seus entes podem voltar a qualquer momento.
Sensação de banalização da pandemia	A revolta com o contexto pandêmico; A banalização das experiências de luto por Covid-19; Experiências em relação à vacinação
Sentimentos relativos à doença e ao contexto pandêmico	Culpa; O medo de contrair Covid-19; A possibilidade de perder mais pessoas por Covid-19; Uma perda coletiva; Um sentimento de que seus entes foram negligenciados; Uma morte rápida e inesperada.

Fonte: Elaboração própria, 2024

Eixo 1: As experiências com a despedida no luto por COVID-19

Nesse primeiro eixo temático são apresentados temas relacionados à despedida das participantes de seus entes queridos. Nos momentos mais agudos da pandemia de COVID-19, pessoas que perderam entes queridos em decorrência deste vírus se depararam com inúmeras imposições devido às restrições instituídas pela pandemia de COVID-19, uma vez que houve mudanças em rituais funerários tradicionais, bem como na forma como essas pessoas socializavam com seus familiares e amigos. Portanto, o isolamento físico, necessário para conter a propagação do vírus, contribuiu para uma sensação de solidão e abandono entre os enlutados. Muitos tiveram de enfrentar o luto sem o apoio físico e emocional de seus círculos sociais, o que intensificou o sentimento de desamparo e vulnerabilidade.

As participantes desta pesquisa relataram que a impossibilidade de compartilhar sua dor de forma presencial e receber consolo de pessoas próximas tornou o luto um

processo ainda mais doloroso, nos mostrando o quanto os contatos físicos são importantes neste momento. Além disso, também refletiram a respeito da solidão que seus entes queridos podem ter enfrentado em seus últimos dias de vida, haja vista que o contato social que tinham, e quando tinham, era algo restrito, trazendo inúmeras afetações a essas pessoas.

Uma morte solitária

Muitas famílias acompanharam as notícias sobre o crescente número de óbitos, cientes da gravidade da situação e da necessidade de se cuidar. O que seus entes queridos podem ter pensado ao serem intubados e privados do abraço e do conforto familiar permanece vivo na experiência dessas pessoas. A solidão nesses momentos finais deixou uma marca profunda, exacerbando a dor do luto e o sentimento de impotência. A morte solitária por COVID-19 também foi algo refletido no artigo de Fernández e Falcón (2021). Ao entrevistarem pessoas que perderam entes por conta desse vírus, os autores observaram que para esses enlutados, a solidão vivenciada pelas pessoas que morreram fez com que suas perdas se tornassem ainda mais difíceis de lidar.

A esse respeito, Larissa disse que seu pai era uma pessoa cuidadosa em relação ao contágio e estava sempre atento sobre as notícias e os cuidados contra a COVID-19. Ele contraiu o vírus e foi internado. Larissa disse que até hoje fica se questionando a respeito da reação que seu pai teve ao saber que seria intubado naquele momento. Há de se levar em conta que apenas pacientes graves e com intensas dificuldades respiratórias passaram por esse procedimento, evidenciando ainda mais o questionamento que Larissa faz a respeito da reação que seu pai teve quando soube da intubação.

Meu pai acompanhava as notícias, ele sabia que os números estavam crescendo, ele falava que tinha que se cuidar, porque nunca sabemos quem vai melhorar, eu fico imaginando o que ele deve ter pensado quando o médico disse que seria intubado.

A necessidade de saber que seus entes queridos estavam bem, mesmo após a morte, tornou-se uma preocupação constante. A dor de imaginar o medo e a solidão enfrentados, especialmente ao serem hospitalizados e não poderem receber visitas, intensificou o sofrimento. Muitos se perguntam como seus entes queridos, por vezes sensíveis e carinhosos, lidaram com essa situação tão solitária (Dantas et al., 2020).

Desse modo, a ausência de qualquer contato ou despedida adequada causa uma carga emocional pesada para os enlutados, de tal modo que Carolina disse que desde que seu pai morreu, ela não se conforma em saber que esse processo foi vivido de modo solitário por ele, já que morreu sozinho, sem ter ninguém ao seu lado. Devemos considerar que, na experiência de luto, não estamos falando de um certo fim para a relação que foi afetada por essa vivência. No entanto, compreendemos que ela passa a ser vivenciada de outros modos, que não aquele onde há uma presença corporal da pessoa que morreu (Freitas, 2013). Carolina relatou que por mais que seu pai tenha morrido, por vezes se vê pedindo para saber como ele está.

Comigo nunca aconteceu, mas desde que meu pai morreu eu peço todo dia pra ver ele, eu sentia muita necessidade de saber que ele tá bem, o fato dele ter morrido sozinho, sem ninguém com ele, eu até não penso pra não enlouquecer, então sempre peço pra sonhar com ele pra saber como ele tá.

Essa falta de contato e a solidão durante a internação atravessam a vivência dos enlutados. A dúvida sobre os cuidados e a atenção que seus entes queridos receberam nos momentos finais permeia este luto, gerando angústia e uma busca incessante por qualquer

informação que possa oferecer algum alívio, como mencionou Larissa, se questionando se haveria alguma informação mais íntima a respeito da morte de seu pai que não fosse somente os prontuários médicos:

No meio da angústia acabei nem perguntando, mas acho que devem ter conversado com ele, né? Não sei se eles escrevem essas coisas, pelo o que vi é mais sobre medicação, queria ver se tem algo mais subjetivo, não sei como vou ver.

A dor de não poder estar presente neste momento, de não oferecer o último abraço e a incerteza sobre os momentos finais são sentimentos que ecoam na experiência desses enlutados, deixando uma marca indelével em suas vidas. A ausência física dos entes queridos nos últimos instantes de vida rompe uma certa conexão corporal, exacerbando a sensação de desconexão e irrealidade no luto e nos mostrando que essa experiência foi vivenciada em um mundo diferente ao que até então estavam acostumados, mesmo quando falamos a respeito de morte (Gamad et al., 2022).

Observamos, então, que o contato físico e a presença tangível são elementos importantes para muitas pessoas que perderam entes por COVID-19. Compreendemos que estamos diante de uma crise de sentido vivida por essa pessoa enlutada, que fica ainda mais evidente quando desvelamos o vácuo que existiu em relação ao período de internamento, onde pouco souberam a respeito de seus entes até a notícia da morte, chegando, por vezes, a pedir para ver essas pessoas que morreram ou então terem acesso a algum documento mais íntimo que pudesse ter sido deixado.

Devemos considerar que tal ausência não diz respeito apenas a uma possível solidão vivenciada por tais pessoas, mas também se mostrou quando o tema abordado se relacionou à forma como as despedidas foram realizadas.

As despedidas como vetor para sofrimentos

A modificação dos rituais de despedida se tornou um fator significativo na experiência do luto de alguém que perdeu alguma pessoa por COVID-19. A experiência de luto, por si só, já desvela um mundo novo para o enlutado (Freitas, 2018). Para quem perdeu algum ente por COVID-19, essa experiência aconteceu entrelaçada aos fenômenos sociais impostos na ocasião.

Para algumas pessoas, a impossibilidade de se despedir do ente querido como desejavam intensificou a dor da perda. A ausência de um abraço final ou do simples ato de estar presente durante os últimos momentos deixou uma lacuna emocional profunda. Esse vazio foi intensificado pela natureza rápida e inesperada das mortes devido ao vírus que, muitas vezes, se concretizou em um ambiente de extrema restrição. Carolina reflete que teve apenas 20 minutos para se despedir de seu pai. Sente que a pandemia arrancou de si algo que é de direito de alguém que vive um luto, ou seja, prestar uma última homenagem à pessoa que faleceu.

Eu queria me despedir, nem que fosse com o caixão lacrado, foi muito rápido, cerca de 20 minutos, só entreguei uma foto pra colocar junto, isso me dói muito, eu queria me despedir, acho que uma das peculiaridades do COVID é o não direito àquilo que é de direito.

A experiência de perda sem a oportunidade de um ritual de despedida provocou sentimentos de incompletude e incerteza, de modo que Lívia refletiu que não ter se despedido de sua mãe lhe trouxe uma sensação de que essa morte não foi concretizada. Portanto, a impossibilidade de realizar uma despedida tradicional e a rapidez dos procedimentos funerários contribuíram para uma sensação de irrealidade sobre a morte:

“Não pude me despedir, parece que a ficha não caiu, parece que vou chegar na casa dela e ela vai estar no portão, não sei se é normal”.

Muitas vezes esses rituais de despedida estão relacionados à alguma espiritualidade. Nesse sentido, o fato de não poder realizar práticas como a colocação de objetos simbólicos ou a participação em cerimônias religiosas intensificou o sentimento de perda e de incompletude, sobretudo no que tange ao ritual de despedida ter sido modificado (Gamad et al., 2022): *Minha família é bem religiosa católica, eles sofreram por não poder ver não colocar um terço na mão dele. Meus avós eram bem religiosos, assistiam missa sempre e foram enterrados sem ter a despedida* (Franciane).

Portanto, é possível observar que a modificação nos rituais de despedida envolveu uma dolorosa experiência relacionada a concretização desta morte, uma vez que a ausência de rituais evidencia uma certa desconexão em relação à morte do ente querido, dificultando a assimilação da perda.

Compreendemos que, para muitas pessoas, não poder seguir com os rituais de despedida da maneira como lhes eram habituais, trouxe afetações em suas vivências de luto, nos mostrando que sentiram que algo foi arrancado de suas vidas. Identificamos que essa ausência trouxe às pessoas uma certa dificuldade para concretizar a morte. Há de se perceber que elas, muitas vezes, sofreram pela ausência do corpo de seus entes.

O sofrimento pela privação ao corpo do ente querido

A falta de acesso ao corpo dos entes queridos levou a questionamentos sobre a identidade dos corpos que estavam sendo enterrados. A visão de caixões lacrados sem a oportunidade de ver a pessoa que estava dentro dele, por vezes provocou o medo de que o falecido pudesse não ser realmente a pessoa naquele caixão. Essa situação foi tão

perturbadora que, em alguns casos, o desespero levou os enlutados a reagirem com extrema emoção ao ver esses caixões fechados, imaginando que seus entes ainda poderiam estar no hospital ou em outro lugar.

Embora o caixão lacrado, eu penso no direito de chorar no caixão, eu fico pensando vai que não é ele, vai que é outra pessoa, você fica se iludindo, você não viu, você não viu a pessoa morta, eu queria poder tocar nele, queria poder dar um (Carolina).

A imagem de corpos sendo transportados em sacos plásticos também se tornou uma visão dolorosa e simbólica do impacto massivo da pandemia (Dantas et al., 2020). Esses sacos, muitas vezes, foram a última visão que os familiares tiveram de seus entes queridos, acentuando o sentimento de desamparo e a dificuldade de concretizar essa morte. A sensação de não ter um fechamento adequado, como o direito de chorar e tocar no corpo, contribuiu para a sensação de que a morte não estava completamente reconhecida.

Eu ainda liguei na funerária perguntando se podia levar uma roupa, uma foto, um terço, não pude fazer nada, eles ainda me descreveram como ela tava e que seria enterrada assim, eles me falaram que ela tava em dois sacos plásticos e eu não entendo, eu não entendo (Lívia).

Camila relatou que no cemitério houve uma confusão em relação aos caixões e, por isso, ele precisou ser aberto. Quando isso aconteceu, disse que viu que o corpo de seu pai estava dentro de um saco. Ela reflete que embora tenha tido a oportunidade de ter esse último momento de despedida, ainda assim foi doloroso, haja vista que a última imagem que ela tem de seu pai é dentro de um saco.

No cemitério houve uma confusão em relação aos caixões, por conta de uma mudança na tampa, de última hora, então o pessoal da funerária abriu o caixão

e ele estava num saco, daí meu irmão tirou uma foto pra ter certeza, é uma coisa que dói muito (...) (Camila).

Percebemos que, diante da experiência de luto por morte de COVID-19, somada ao fato da ausência de uma despedida do modo habitual e um afastamento corporal neste momento, essas pessoas sentiram uma certa desconexão com a evidência dessa morte. Isso se explica porque, por meio de nossos corpos, nos comunicamos com os outros, de tal modo que a impossibilidade de tocar e ser tocado, afeta a vivência de luto, uma vez que o outro, que morreu, é uma consciência que se desvela por meio daquele corpo (Freitas, 2022).

Um sentimento de que seus entes podem voltar a qualquer momento

A ausência física dos entes queridos, especialmente quando o corpo não pôde ser visto, molda profundamente a experiência de luto para muitos que enfrentaram perdas durante a pandemia de COVID-19. Esse aspecto contribui para um sentimento persistente e angustiante de que essas pessoas podem retornar a qualquer momento, criando uma expectativa interminável.

Boss (1999) reflete sobre uma certa ambiguidade no luto. Quando há uma perda abrupta e inesperada, como no caso das mortes por COVID-19, gera dúvidas e confusões nesta vivência. Nos temas anteriores, quando nos deparamos com a fala das participantes, isso nos fica evidente, principalmente em razão dos atravessamentos que a pandemia de COVID-19 instituiu em suas experiências de luto, uma vez que:

A perda gera um paradoxo, já que a ausência física não é convertida em ausência psíquica. Embora o objeto esteja ausente na dimensão social, a dor decorrente das

lacunas e falta de explicação dificultam a assimilação psíquica da ausência e ressignificação da perda (Canuto et al., 2023, p. 759).

Desse modo, alguns participantes compartilham como essa sensação de expectativa se manifesta em suas vidas diárias. A impossibilidade de ver o corpo frequentemente leva a uma sensação de que a morte ainda não foi concretizada. Esse sentimento de esperança faz com que o celular seja verificado repetidamente, por exemplo, na expectativa de uma ligação que confirmaria que a pessoa ainda está viva, como reflete uma participante *“Eu pude tocar no caixão, caixão lacrado, mas mesmo assim parece que não aconteceu, eu ainda acho que ela tá internada que vão me ligar do hospital”* (Lívia).

Em alguns casos, essa expectativa é tão forte que até mesmo eventos cotidianos, como um aniversário, parecem surrealistas, como se a pessoa pudesse aparecer a qualquer momento. Isso ocorre mesmo apesar das evidências da perda, como foi evidenciado *“Esses dias foi aniversário dele, a gente tinha costume de sempre comprar bolo, vela... parece que é mentira, parece que ele vai voltar, parece que é mentira”* (Luísa).

Além das dificuldades comuns enfrentadas durante o luto, as experiências de perda na pandemia foram intensificadas pela sensação de banalização do evento. A percepção de que a pandemia e as mortes foram minimizadas ou trivializadas adiciona um contorno de dor e frustração, dificultando ainda mais o processo de luto. Essa vivência revela a profundidade do sofrimento emocional causado pela ausência e pelas circunstâncias únicas da perda durante a pandemia.

Eixo 2: Sensação de banalização da pandemia

Em meio aos períodos mais turbulentos da pandemia de COVID-19, o Brasil enfrentou não apenas uma crise sanitária, mas também uma crise política e humanitária.

Diante disso, era crucial a união da população para conter o avanço do vírus. Infelizmente, o que se viu foi a banalização da pandemia em muitos casos, acompanhada da disseminação de discursos negacionistas sobre vacinação (Maciel et al., 2022).

Nesse contexto, compreendemos que o luto é uma vivência que se banha no mundo da vida. Com isso em vista, quando este eixo foi elaborado, foi preciso levar em conta os múltiplos contornos existentes em nosso país nos momentos mais agudos da pandemia. As experiências relatadas pelas participantes deste estudo refletem esse sentimento de banalização. Por meio desses relatos, observamos que os sentimentos relacionados à dor do luto foram intensificados pela percepção de que as mortes pela COVID-19, em determinados momentos, foram minimizadas ou ignoradas. A escolha das vacinas em postos de saúde, enquanto muitos ainda não tinham acesso à imunização, amplificou essa falta de solidariedade e compreensão da gravidade da situação.

Além disso, é importante refletirmos que a politização da pandemia no Brasil é um exemplo claro de desigualdades, onde questões de saúde pública foram usadas como moeda política, aumentando ainda mais a divisão e o sofrimento (Souza, 2023). Com isso, retomo a fala do ex-presidente do Brasil, dita no dia 28 de abril de 2020, em resposta a alguns jornalistas que o questionaram a respeito da pandemia: “*Alguns vão morrer? Vão, ué. Lamento. Essa é a vida*”⁷.

Dadas as considerações iniciais, este eixo está relacionado justamente a essa banalização que as pessoas sentem em relação ao contexto pandêmico. Separamos três temas constituintes que falam a respeito da revolta com o contexto pandêmico, sensação de banalização com relação à pandemia e, por último, as experiências associadas às vacinações.

⁷ Para mais, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=a0Li5VtMhHM>

A revolta com o contexto pandêmico

Em meio à pandemia de COVID-19, algumas pessoas se sentiram indignadas com a falta de seriedade em relação ao restante da população ao seu redor. Para quem perdeu algum ente querido, a pandemia não se tratou de um evento comum, mas de um período histórico marcado por esses lutos. Tal revolta aumentou ao verem pessoas retomando suas rotinas e ignorando as medidas de segurança. Além disso, em algumas pessoas existe uma sensação de injustiça quando questionam o motivo de que nem todos tomaram as devidas precauções.

Essa situação foi agravada pelos discursos negacionistas e pela politização da pandemia no Brasil. A disseminação de informações falsas e a minimização da gravidade da COVID-19 por líderes e figuras públicas contribuíram para a falta de adesão às medidas de segurança. Lembremos, por exemplo, de falas do antigo presidente que minimizavam os riscos que a pandemia poderia trazer, tendo o mesmo comparado a situação à uma mera gripezinha, como apontado anteriormente. Essa politização criou um ambiente de confusão e desconfiança, dificultando ainda mais a lida com a situação.

Aneliana relatou sua revolta e frustração com a falta de seriedade das pessoas em relação à pandemia. Ela ilustrou um incidente envolvendo sua cunhada, que, após o irmão de seu esposo contrair COVID-19, ignorou as orientações de isolamento e foi ao mercado. Ao alertar sobre a necessidade de permanecer em casa, foi criticada pela família, que a considerou exagerada. Ora, esse comportamento reflete a ironia e hipocrisia que ela enxerga na situação, de modo que isso é entrelaçado em seu luto, juntamente com o desgoverno vivido no referido momento.

Faz umas duas semanas, o irmão do Luciano pegou covid, e minha cunhada me ligou e perguntou “o que eu faço”. E ela falou pra mim “vou no mercado comprar

uma coisa pra comer”. Eu disse pra ela: “Você tá em isolamento! Você não pode sair de casa”. E ela foi. E minha família ficou falando que eu sou exagerada. Mas é uma ironia sem fim, uma hipocrisia. A gente passou por essa situação, a gente tá vivendo esse luto que não é fácil, e as pessoas continuam fazendo isso. Além de ter um desgoverno, têm as pessoas. As pessoas também têm que ter essa consciência. Me revolta, eu fico estarecida com isso.

De acordo com Butler (2022), a pandemia não é apenas uma crise sanitária, mas também uma crise social e política que expõe como certas vidas são valorizadas menos que outras. Tal reconhecimento intensifica a sensação de injustiça e revolta daqueles que perderam entes queridos, especialmente quando a resposta à pandemia foi politizada e marcada por discursos negacionistas. A esse respeito, Butler nos lembra que nossas relações são quiasmáticas, isto é, temos uma interconexão uns com os outros. Essa proposta nos convida a ver a vida não de forma isolada, e sim como parte de um todo interdependente, com variados atravessamentos em relação à pandemia, já que

A pandemia põe questões que são especificamente éticas, pois as restrições sob as quais eu sou solicitada a viver são aquelas que protegem não somente a minha própria vida, mas também a vida dos outros. Nossas vidas estão atadas umas às outras, ou, possivelmente, entrelaçadas. As restrições me impedem de agir de certos modos, mas também expõem uma visão do mundo interconectado que sou solicitada a aceitar. Caso essas restrições falassem, elas me solicitariam compreender esta vida que vivo como vinculada a outras vidas e a ver esse “ser vinculado um ao outro” – como uma característica fundamental de quem sou (Butler, 2022, p. 53).

Disto, refletimos sobre uma certa responsabilização existencial, haja vista que o que eu faço não diz respeito apenas a mim, mas também a outro que, de alguma forma,

toco e faz parte de nosso mundo (Butler, 2022). Quando, por meio do distanciamento físico, tivemos de nos afastar fisicamente desse outro, ainda estávamos vivendo uma relação intercorporal, embora vivida agora com a potencial ausência.

Ao mesmo tempo em que nos protegíamos, também estávamos, de algum modo, protegendo outra pessoa, respeitando essa separação física que havia entre nós. O contrário também acontecia, já que nem todos seguiram à risca algumas das medidas protetivas adotadas nesses momentos de terror. Essas pessoas se achavam superiores ao que estava acontecendo e, com pouca ou nenhuma preocupação com a saúde do próximo, desrespeitavam as medidas de isolamento. Carolina se mostrou incomodada com o fato de muitas pessoas retornarem à normalidade, deixando as medidas protetivas de lado, enquanto seu pai, mesmo “*guardadinho*”, sofreu as penalidades da COVID-19.

(...) eu vejo as pessoas voltando ao normal, mas a pandemia pra mim nunca vai passar, pode ser que esteja diminuindo, mas pra mim nunca vai passar, eu vejo as pessoas compartilhando narguilé, copo, não que eu queira que mais gente pegue, mas meu pai tava tão guardadinho... porque ele?

Além disso, a frustração com diagnósticos iniciais incorretos e a sensação de que algo poderia ter sido diferente com o tratamento correto desde o começo, alimentam o constante questionamento de pessoas que perderam alguém por COVID-19 e que sentem revoltadas com essa situação. Lívia reflete que, inicialmente, o tratamento que sua mãe recebeu foi para ansiedade e infecção intestinal: “*Uma coisa que me tira do sério, a minha mãe começou a tratar com ansiedade e depois infecção intestinal (...)*”.

Essas histórias sinalizam a dor e a revolta enquanto a pandemia deixava marcas profundas e duradouras em quem perdeu alguém por conta desse vírus. Para essas pessoas, a pandemia poderia ter sido diferente. No entanto, o que sentem é uma certa banalização não somente em relação ao contexto de saúde emergente, mas às suas perdas.

Carolina relatou ver muito ódio ao seu redor e também desdém nesse contexto. Em sua fala, ele alude às pessoas que iam para locais públicos e o ódio que sentia por conta disso, afinal, nessa época esses tipos de saídas poderiam resultar na morte de alguém.

O mundo é de ciclos, acho que em um momento vai estar melhor, ainda não consigo ver, eu vejo muito ódio, desdém, eu vejo gente indo pra barzinho tenho muito ódio, aquilo pode não dar em nada, mas pode matar alguém, a falta de empatia, de pensar no outro, isso começou a me consumir de uma forma.

Um luto banalizado

A dor da perda de entes queridos foi intensificada pela sensação de que essas tragédias estavam sendo tratadas como meras estatísticas, algo que muitas vezes acontece quando há um fenômeno que resulta em um número elevado de mortes, como esse caso (Bianco & Moura, 2020). A tristeza de ver sua perda reduzida a um número alimentou um sentimento de desrespeito, especialmente ao observar que muitas pessoas não encararam a pandemia com a seriedade necessária. Era doloroso ver festas sendo realizadas e pessoas desrespeitando as medidas de segurança, enquanto outras estavam sendo internadas e sofrendo gravemente. Esse fato é corroborado pela fala de uma participante, que refletiu sobre isso da seguinte forma: “*É triste ver que a gente tá naquele número, parece que ninguém mais tá ligando*” (Lívia).

A pandemia, como foi vivenciada em nosso país em muitos momentos, escancarou as desigualdades que já faziam parte de nosso cotidiano, embora antes não fossem tão refletidas como nos últimos tempos. Foram expostas as fragilidades do sistema de saúde, a falta de acessibilidade à informação e a precarização do trabalho, além da

desumanização a qual fomos obrigados a conviver durante o governo anterior (Maciel et al., 2022).

Deste modo, o isolamento foi agravado pela percepção de que, para muitos, a pandemia parecia ter acabado. Ver pessoas agindo como se já houvesse uma vacina e como se ninguém mais estivesse morrendo aumentava o desejo de sair de casa. Essa atitude, por sua vez, trouxe novas mortes, além de um maior sofrimento para aqueles que estavam enfrentando a realidade da doença de maneira direta e dolorosa. A fala de uma participante reflete isso quando diz que todo mundo, naquela época, estava saindo. Em uma festa com uma pessoa contaminada, outras se infectaram e, por isso, todos foram internados.

Tá todo mundo saindo, fizeram uma festa e uma das pessoas tava contaminada e não sabia, hoje tem mais gente internada, ninguém tá ligando mais não... chega a ser falta de respeito (Lívia).

Nesse sentido, no contexto brasileiro, a politização da pandemia e os discursos negacionistas tiveram um impacto significativo. A disseminação de informações falsas e a minimização da gravidade da COVID-19 por líderes e figuras públicas contribuíram para a falta de adesão às medidas de segurança. Lembremos das falas nas quais o antigo presidente chegou a comparar a pandemia de COVID-19 como se essa fosse apenas uma gripezinha, banalizando a perda de milhares de pessoas e encorajando outras tantas a voltarem a vida como se tudo estivesse “normal” (Caponi, 2020).

A pandemia de COVID-19 nos trouxe não apenas uma crise sanitária, mas também uma profunda crise emocional, em especial para aqueles que perderam entes queridos. O luto, que já é uma experiência dolorosa, foi vivido junto à percepção de que muitas pessoas não estavam levando a pandemia a sério. Assim, a banalização das medidas de segurança e o comportamento irresponsável de muitos geraram sentimento de

indignação nas pessoas enlutadas. A esse respeito, Livia expressou essa dor ao refletir sobre a atitude das pessoas durante a pandemia:

Parece que foi realmente banalizado... Você passa na rua e ninguém usa máscara, todo mundo saindo, você passa na frente de bar, vê todo mundo num espaço pequeno sem máscara, a gente vê tantas pessoas se contaminando e vê na TV que tá diminuindo, mas você vê que as pessoas não tão se cuidando, será que não tão mascarando? Já cansei de cruzar com carreatas na rua, fazendo campanha eleitoral, será que não tem medo, será que não tem noção da gravidade, que cada organismo age de um jeito, porque eu peguei fraquinho, mas olha o que aconteceu com a minha mãe.

Nas ruas, o desrespeito era evidente. Muitos não usavam máscaras e se aglomeravam em espaços pequenos, como bares. A participação em carreatas⁸ e campanhas eleitorais, sem medo ou compreensão da gravidade da situação, desvelava a falta de conscientização sobre a seriedade da pandemia e as diferentes reações ao vírus.

Experimentar a doença de forma leve enquanto um ente querido sofria gravemente, mostrava ainda mais a falta de empatia nesses casos. Sentir que não havia empatia para com suas perdas, portanto, se tornou algo comum na experiência de pessoas enlutadas. De acordo com Casellato (2020), a quebra de empatia é um dos primeiros efeitos quando estamos diante de um luto não franqueado. Essa ausência empática se mostrou por meio da falta de preocupação com os cuidados que deveriam ser tomados e até mesmo as batalhas em torno da vacinação foram prova disso.

Experiências em relação à vacinação

⁸ Para mais, ver em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/manifestantes-pro-bolsonaro-participam-de-carreata-em-brasilia>

As experiências com as vacinas emergiram como um tema significativo, especialmente no contexto brasileiro, onde a politização do assunto gerou diversas reações. A vacinação, que deveria ser um alívio e uma esperança, tornou-se um campo de batalha político e emocional, ao passo que o Brasil não conseguiu manter o seu protagonismo de vacinação (Maciel et.al., 2022).

Enquanto algumas pessoas sentiam alívio e esperança, outras experimentavam ansiedade e pânico, refletindo sobre as perdas que sofreram e a lentidão da campanha de vacinação. Para uma parcela considerável da população, a vacina chegou tarde demais, quando já haviam perdido entes queridos para a COVID-19. Esse atraso na vacinação, agravado por disputas políticas e desinformação, contribuiu para um sentimento de injustiça e desespero (Maciel et.al., 2022).

No Brasil, a politização da vacina criou um ambiente de desconfiança e desinformação. Líderes políticos e figuras públicas frequentemente disseminavam informações conflitantes sobre a eficácia e a segurança das vacinas, levando algumas pessoas a hesitar ou até mesmo a rejeitar a vacinação. Tiveram outras ainda que optaram por medicações sem comprovação científica para o combate a esse vírus (Guerreiro & Almeida, 2021). Um exemplo foi a fala do antigo presidente, quando o mesmo disse que a vacina poderia transformar pessoas em jacarés.

Além disso, o que se viu foram algumas pessoas tentarem escolher qual vacina tomar, tal como noticiou a CNN Brasil, no dia 24 de junho de 2021⁹, enquanto outras morriam sem acesso a qualquer imunização. Isso gerou um sentimento de revolta e incompreensão. A realidade de ver pessoas selecionando vacinas em um posto de saúde

⁹ Para mais, ver em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pessoas-adiam-2-dose-de-vacina-contra-covid-19-para-tentar-escolher-marca/>

enquanto milhares ainda lutavam para sobreviver, exemplificava a falta de consciência e empatia em meio à crise. Esse comportamento era um reflexo da falta de liderança clara e da ausência de uma campanha de vacinação eficaz em nosso país.

Eu tomei a vacina na segunda-feira passada, e eu acabei tendo alguns sintomas como síndrome do pânico. Na hora que eu tomei a minha vontade era de, sabe assim, não sabia o que sentir, se era felicidade ou tristeza. Eu fiquei pensando no meu marido no hospital sabendo que ele tava morrendo e pensando “eu to morrendo por uma doença que tem uma cura e essa vacina não vai chegar pra mim”. Eu nunca imaginei que isso ia afetar dessa forma, é uma rasteira, a gente nem levanta de um tombo e já tá levando outro. As pessoas não têm essa noção do que tá acontecendo. Eu não assisto tv, nem rádio, porque esse assunto consome a gente, mas hoje eu fui levar o Loivo na psicóloga e ouvi no rádio que as pessoas chegam no posto e elas ficam escolhendo a vacina. Eu pensei, gente, quanta gente tá morrendo, a gente chegou numa situação que eu não sei nem o que pensar das outras pessoas (Aneliana).

Eixo 3: Sentimentos relativos à doença e ao contexto pandêmico

Durante a pandemia de COVID-19, as experiências e emoções das pessoas foram profundamente afetadas, especialmente no que diz respeito à doença e à perda de entes queridos. Este eixo aborda vários sentimentos que emergiram nesse período, como impotência, culpa, medo de contrair a doença, possibilidade de novas e múltiplas perdas, sensação de negligência e a experiência de mortes rápidas e inesperadas. Essas emoções foram compartilhadas e expressam a complexidade e a profundidade do impacto da pandemia em nossas vidas.

A impotência

Em nossa pesquisa, percebemos que pessoas que perderam entes por COVID-19 enfrentaram um sentimento devastador de impotência ao não poderem fazer nada por seus entes queridos hospitalizados. As rígidas restrições sanitárias impediram visitas, deixando famílias desamparadas e ansiosas por notícias, muitas vezes recebidas por telefone. Esse sentimento de impotência foi relatado por Aneliana, quando em sua fala refletiu que ficou em isolamento em sua casa e, por isso, não levou o seu pai ao hospital quando ele estava infectado. Ela afirma que chegou a se culpar por não ter levado o pai ao médico para que pudesse ter iniciado o tratamento rápido.

Eu me culpei por não ter arrastado ele pro hospital no começo. Eu fiquei um período de isolamento sozinha em casa, e me culpei por isso. Agora não, eu tento me apegar nas coisas boas.

Em outro momento, Aneliana mencionou o sentimento de culpa por não ter conseguido levar seu pai para tomar a vacina. Ele chega a dizer que a maior carrasca que ela teve, por vezes, foi ela mesma.

(...) eu penso que talvez não era pra ele tomar a vacina mesmo, mas eu só penso isso hoje, antes eu me culpava... Acho que o maior carrasco de nós mesmos somos nós... Eu não vou dizer que eu sinto inveja de quem tá tomando a vacina, mas eu vejo os casais andando na rua e penso “meu Deus, eu não vou mais ter isso.

Carolina, por sua vez, expressa um sentimento de inadequação ao dizer que poderia ter feito algo a mais, mas não se sente culpada:

Eu tenho o sentimento de que poderia ter feito alguma coisa, mas não me sinto culpada. Eu fiz o que pude, todo o processo da doença eu acompanhei, eu recebia os boletins, eu era a referência dos médicos, mas eu era muito apegada a ele.

Culpa

O sentimento de culpa é particularmente prevalente, afinal, muitas se questionam se poderiam ter feito mais para prevenir a infecção ou se, inadvertidamente, contribuíram para a contaminação. A impossibilidade de estar presente nos momentos finais intensificou ainda mais esse sentimento. Camila reflete sobre a culpa que sente por não ter visitado seu pai pelo medo de contrair o vírus:

Eu falava com ele todo dia por telefone, eu não ia lá porque tinha muito medo de passar a doença, eu fico me culpando... Meu pai ficou com celular no internamento, na ala de cuidados paliativos, ele tinha Parkinson... ficava difícil ele fazer chamada. Ele falou que não queria ser intubado e isso pudemos fazer por ele.

O medo de contrair a COVID-19

O medo de contrair o vírus e a decisão de não visitar o ente querido durante a internação também geraram sentimento de culpa. Aqueles que se preocuparam com a possibilidade de passar a doença aos seus entes queridos sentiram-se atormentados por não poderem estar presentes, mesmo quando a comunicação por telefone era limitada e difícil:

Eu precisei voltar pro trabalho. Eu tinha ido ao médico e ele tinha me receitado medicação, mas eu não quis, estava evitando. Na segunda feira quando meu celular despertou, quando eu soube que tinha que levantar pra trabalhar eu tive uma crise de ansiedade muito ruim, não sei nem dizer o que que é. Daí... falei com a minha mãe, não vou trabalhar não consigo. Daí... eu voltei no médico e ele disse que eu estava apresentando além de ansiedade, síndrome do pânico. Por eu ter pegado da minha chefe, no meu ambiente de trabalho, eu acho que isso me deu medo. A função que eu tenho hoje, eu tenho que ir nas escolas, a gente recebe a população, as profissionais, e tem muita circulação de gente. Eu acho que isso me bloqueou de uma tal forma que eu não conseguia (Aneliana).

Esses sentimentos são amplificados pela falta de um fechamento adequado, uma vez que a presença física e o conforto no final da vida não foram possíveis. O impacto emocional da pandemia não apenas aumentou o sofrimento, como também trouxe um novo nível de dor e frustração ao processo de luto. Além disso, devemos levar em conta o fenômeno da intercorporeidade, que nos remete a uma existência entrelaçada ao outro (Freitas, 2018).

No relato de Aneliana, observamos que a sua perda a faz sentir medo de perder a própria vida. Estar entrelaçada com o outro, nesse caso, se tornou algo ameaçador para essa participante. Além disso, essas pessoas também tinham que conviver com a possibilidade de novos lutos. Diante disso, a vivência do luto por COVID-19 não está relacionada apenas com a morte de algum ente querido, mas esse óbito revela a condição existencial a que todos estavam submetidos, ou seja, a de que a qualquer momento qualquer um poderia contrair o vírus e falecer.

A possibilidade de perder mais pessoas por COVID-19

O medo de perder mais entes queridos por COVID-19 foi uma preocupação constante para muitas pessoas que enfrentaram a dor da perda durante a pandemia. Este temor se intensifica pela lembrança vívida daqueles que se foram e pelas novas ameaças que surgem à medida que o vírus continua a circular.

A saudade dos que partiram é um sentimento profundo que permeia o dia a dia. Momentos simples e rotineiros podem evocar lembranças intensas, e notícias sobre a saúde de outros familiares ou amigos podem facilmente reavivar o medo de novas perdas. Esse cenário criou um ciclo emocional difícil, onde a tristeza pela ausência de um ente querido se misturava com a ansiedade pela possível perda de outro.

A semana foi de muita saudade, lembrei muito dela essa semana... Recebi uma notícia de que a minha prima também estava passando mal por COVID, então lembrei muito da minha mãe. Agora ela está reagindo, graças a Deus ela tá reagindo, achei que ia perder mais uma pessoa por covid. (Franciane)

Assim sendo, quando alguém próximo adoece, especialmente se for devido à COVID-19, a pessoa muitas vezes retorna ao sofrimento vivido anteriormente. A preocupação se torna quase paralisante, e cada atualização sobre a condição de saúde é aguardada com um misto de esperança e temor. As experiências passadas com a doença deixam marcas profundas, tornando cada nova ameaça uma prova dolorosa de resiliência emocional.

Uma perda coletiva

Durante os grupos de apoio para pessoas enlutadas, as participantes refletiram sobre um certo sentimento de coletividade em relação às suas experiências de luto. A dor

da perda foi intensificada pela sensação de que o sofrimento era comum a muitos, não apenas a um indivíduo isolado. O apoio mútuo oferecido pelos grupos permitiu que as pessoas compartilhassem suas experiências e encontrassem consolo em saber que não estavam sozinhas em sua dor.

Assim, esses espaços serviram como um alívio para a sensação de isolamento, oferecendo um lugar onde a dor podia ser discutida e compreendida de forma mais profunda. Uma participante refletiu a esse respeito, ao dizer que no grupo de apoio se sentia confortável para compartilhar algumas questões em relação ao seu luto que não compartilhava em seu cotidiano. Koury (2010) nos aponta que o luto é vivido de modo discreto, pois, para boa parte da sociedade, falar sobre a morte é algo ruim, levando esse assunto a ser constantemente evitado:

Essa questão de ver que não é só você que tá sofrendo, no caso da pandemia, é um fenômeno que muitas pessoas tão passando por isso. A gente tem que controlar o que dá pra controlar, e o que não dá tem que aceitar e compreender. Realmente parece que a gente fala bastante coisa, que a gente não sai falando pra qualquer um. (Aneliana)

O reconhecimento de que o sofrimento se trata de um fenômeno compartilhado ajudou os participantes a lidarem com a intensidade da perda. A compreensão mútua e a empatia presentes nos grupos de apoio proporcionaram um alívio para o luto, minimizando a sensação de solidão e oferecendo um suporte emocional crucial durante tempos de crise.

Um sentimento de que seus entes foram negligenciados

Da mesma forma como se viu na pesquisa com pessoas que perderam entes por COVID-19 realizada por Ostadhashemi et al. (2022), em nossa pesquisa também nos deparamos com discursos relatando um sentimento relacionado à possibilidade de que os cuidados no fim da vida de quem morreu por COVID-19 não foi o ideal. Isso, pois, a pandemia de COVID-19 trouxe à tona sentimentos profundos de raiva, culpa e impotência para muitos que perderam entes queridos.

Tão logo, a percepção de que a negligência no atendimento pode ter contribuído para a perda também intensifica o sofrimento dos enlutados. Essa sensação de que os entes queridos poderiam ter recebido um cuidado melhor acirra o luto e adiciona uma camada extra de dor: *“Até o último instante acreditava muito na cura, no milagre... nunca passou pela cabeça perder meu pai... o que me deixou muito preocupada foi ele ter sido negligenciado”* (Carolina).

A ausência de atendimento adequado ou o atraso no diagnóstico gerou dúvidas e questionamentos dolorosos sobre o que poderia ter sido feito de forma diferente. O sentimento de que a tragédia poderia ter sido evitada se medidas mais eficazes tivessem sido tomadas constitui uma fonte significativa de angústia. Essa percepção de negligência, seja por parte de instituições de saúde ou pelo sistema médico, exacerba o luto, gerando uma complexa mistura de emoções e reflexões sobre a adequação do tratamento recebido e a possibilidade de uma intervenção mais eficaz.

Eu fico pensando... a minha mãe foi levada três vezes no hospital antes de ser internada... eu fico pensando, porque não fizeram antes o teste, mas depois parei de pensar pro meu pai não achar que era erro médico, mas quando você tem infecção intestinal você tem dor e ela não tinha... eles tinham que fazer o teste antes, eu penso: “será que se fizesse o teste antes ela teria complicado tanto?”.
(Lívia).

A pandemia de COVID-19 no Brasil e no mundo evidenciou que mesmo com um bom aparato tecnológico, podemos ser pegos desprevenidos. Na fala dessas participantes, foi possível compreender o quanto elas se sentem magoadas, já que seus entes queridos não receberam o tratamento ideal. Em nossa revisão, observamos de igual forma que os profissionais de saúde que atuaram na linha de frente em combate a esse vírus também tinham suas afetações e medos. Muitos, inclusive, passaram por perdas em suas famílias ou equipes e, rapidamente, sem acesso a seus lutos, tinham que retornar para seus trabalhos porque o vírus tinha o poder de ceifar um elevado número de vidas em um curto espaço de tempo.

Uma morte rápida e inesperada

Algo característico em pandemias se diz da força que esse evento tem para liquidar vidas de modo rápido (Bianco & Moura, 2020). Por meio da revisão de literatura realizada neste trabalho, observamos que a experiência de luto por mortes de COVID-19 ocorre como se fosse em um mundo diferente (haja vista as interrupções dos rituais de despedida e isolamento social) (Betul et al., 2022; Gamad et al., 2022; Mortazavi et al., 2022; Ostadhamashemi et al., 2022). Nesse sentido, vemos que o modo de ceifar desta morte também é diferente, já que muitas vezes se tem um óbito rápido e inesperado. Tal fator pode ser extremamente traumático, amplificando o impacto do luto.

A súbita perda de alguém sem a oportunidade de se preparar emocionalmente, pode levar a uma experiência de luto marcada por incredulidade, confusão e profunda tristeza. Compreendemos que a rapidez da morte, sem o tempo necessário para uma despedida adequada, intensifica esses sentimentos, como evidenciou uma participante: “(...) eu vejo às vezes algumas pessoas que perderam alguém por câncer, às vezes é um

tratamento de anos, então a morte vem como um descanso, o nosso não, foi muito de repente (...)” (Lívia).

A comparação com mortes de causas mais prolongadas, como o câncer, por exemplo, evidencia uma diferença significativa. Enquanto uma doença crônica pode oferecer um período de preparação e aceitação gradual, a morte repentina e inesperada deixa os enlutados em um estado de choque e desamparo. A ausência de um processo de luto mais gradual contribui para a dificuldade de aceitar e processar a perda, acentuando a dor e a dificuldade de encontrar um sentido para o evento.

5 CONCLUSÃO

O luto por mortes de COVID-19 tornou-se tema emergencial com o elevado número de óbitos e, por consequência, de pessoas enlutadas no Brasil. Mesmo sem ter um certo distanciamento histórico para realizar esta pesquisa, compreendemos a urgência de propor uma investigação com a proposta de compreender esse luto no mundo em que ele se deu. Para isso, selecionamos falas de participantes que perderam pessoas por esse vírus e que participaram de um grupo de acolhimento oferecido na Universidade Federal do Paraná.

Esta pesquisa foi orientada pelo método fenomenológico mundano ou crítico, de Moreira (2004), inspirado na fenomenologia de Merleau-Ponty. Buscamos, por meio dele, uma compreensão mundana a respeito do luto por mortes de COVID-19. Este entrelaçamento fez sentido à medida em que traçamos um horizonte histórico relacionado às mais diversas pandemias que já assolaram o mundo até chegar à última, que teve seu início na China e foi vivenciada no mundo todo. No Brasil, contou com inúmeros contornos que se mostraram também na experiência desse tipo luto. Assim, levando em consideração essas implicações, chegamos a três temas importantes no que diz respeito ao luto por morte de COVID-19.

Com essas experiências, compreendemos que a mudança nas formas de se despedir de entes que morreram por COVID-19 é uma das especificidades deste luto. As imposições sociais implementadas para conter o avanço do vírus modificaram esses ritos e, conforme mencionado, algumas participantes sentiram que suas experiências de luto foram prejudicadas. No entanto, embora este tema tenha aparecido tanto em nossa pesquisa quanto na revisão por nós realizada, há de se compreender que estamos tocando em uma temática estritamente singular, de modo que isso não é algo generalizável, uma vez que existem pessoas que, ao perderem entes por COVID-19, se sentiram mais

confortáveis com o fato de não terem visto ou se despedido dessas pessoas da maneira habitual (Freitas, 2022).

As participantes desta pesquisa também refletiram sobre a banalização de seus lutos. Elas afirmaram que sentiram isso ao verem que nem toda a população levou a pandemia de COVID-19 a sério. Muitas pessoas desrespeitaram o isolamento físico e passaram a frequentar bares e festas. Para as participantes, tal atitude foi entendida como um desprezo de seus lutos.

Sabemos que a pandemia no Brasil, e em especial na gestão governamental anterior, foi de fato desprezada. Se tivesse sido melhor gerida, certamente vidas teriam sido salvas. Nesse sentido, uma das participantes chamou o governo anterior de “desgoverno”, evidenciando sua frustração. Compreendemos que, ao perder algum ente infectado por essa doença, as pessoas sentiram que suas perdas foram deslegitimadas perante boa parte da população.

Também identificamos que o luto por mortes de COVID-19 é contornado por sentimentos como culpa; fato corroborado quando nos deparamos com discursos nos quais as participantes refletiram que poderiam ter feito mais por seus entes. Elas revelaram, ainda, um medo de contrair o vírus, que naquele momento liquidava a vida de alguma pessoa próxima, além de terem relatado o receio de perder mais alguma pessoa por COVID-19, algo que infelizmente é comum em épocas de pandemia.

Além disso, essas pessoas nos mostraram que havia um sentimento de que seus entes queridos não receberam os cuidados ideais por profissionais da saúde responsáveis pelo caso. Compreendemos que o vírus, naquela ocasião, era algo novo a todos, incluindo a medicina, mas nem por isso essas pessoas deixaram de comentar a esse respeito, sobretudo ao mencionarem diagnósticos precoces, tardios e errados. Elas também refletiram sobre o fato de que este vírus, muitas vezes, liquidou a vida de pessoas

importantes em suas vidas de forma rápida e inesperada. Vimos, também, essas pessoas falarem a respeito de suas experiências a partir de uma certa coletividade, algo que compreendemos não ser uma característica deste luto, mas do grupo de apoio do qual elas estavam participando.

Ao concluir esta dissertação, notamos que ainda existem lacunas a serem compreendidas a respeito desta experiência, uma vez que os discursos selecionados para esta investigação foram relatados nos períodos pandêmicos mais agudos. Uma nova pesquisa, também com uma proposta fenomenológica, que se debruce em compreender como a experiência dessas pessoas se mostra atualmente, pode ser um novo passo em direção a conhecer ainda mais o luto por mortes de COVID-19.

Além dessa lacuna, consideramos de suma importância uma proposta que busque uma compreensão mais aprofundada a respeito do luto não reconhecido por mortes de COVID-19, uma vez que o Brasil enfrentou uma crise política e humanitária nos momentos mais agudos da pandemia, a tal ponto que, para muitas pessoas, suas perdas foram apagadas ao longo do tempo e marcadas em número.

REFERÊNCIAS

- Asgari, Z., Naghavi, A., & Abedi, M. R. (2021). Beyond a traumatic loss: The experience of mourning alone after parental death during COVID-19 pandemic. *Death Studies*, 46(1), 78-83. <https://doi.org/10.1080/07481187.2021.1931984>
- Albuquerque, S., Teixeira, A. M., & Rocha, J. C. (2021). Covid-19 and disenfranchised grief. *Frontiers in Psychiatry*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.638874>
- Alfano, V., & Ercolano, S. (2020). The efficacy of lockdown against COVID-19: A cross-country panel analysis. *Applied Health Economics and Health Policy*, 18(4), 509–517. <https://doi.org/10.1007/s40258-020-00596-3>
- Alves, G. W. (2020). Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus. Recuperado de <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werencz-alves>
- Amaral, M. P. (2020). Montagens doentes e perversas: A informação no governo Bolsonaro durante a pandemia do coronavírus. *Mediaciones Sociales*, 19.
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27(2). Recuperado de <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estudos/article/view/7146/4711>
- Bastard, M. (2013). Do berço ao túmulo: A teoria do apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28976/28976.PDF>
- Bertucci, L. M. (2009). Gripe A, uma nova "espanhola"? *Revista Da Associação Médica Brasileira*, 55(3), 230-231. <https://doi.org/10.1590/S0104-42302009000300001>
- Bianco, A. C. L., & Costa-Moura, F. (2020). Covid-19: Luto, morte e a sustentação do laço social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e244103. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244103>
- Bicudo, M. A. V. (1994). Sobre a fenomenologia. In M. A. V. Bicudo & V. H. C. Esposito (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em educação: Um enfoque fenomenológico* (pp. 15-22). Piracicaba: Unimep.
- Brito, N. A. de. (1997). La dansarina: A gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 4(1), 11–30. <https://doi.org/10.1590/S0104-59701997000100002>

- Buckeridge, M. S., & Philippi Junior, A. (2020). Ciência e políticas públicas nas cidades: Revelações da pandemia da Covid-19. *Estudos Avançados*, 34(99), 141–156. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.009>
- Bueno, F., Souto, E., & Matta, G. (2022). Notas sobre a trajetória da covid-19 no Brasil. In G. Matta (Org.), *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: Populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Editora.
- Butler, J. (2022). *Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica*. Autêntica.
- Boss, P. (1999). *Ambiguous loss: Learning to live with unresolved grief*. Harvard University Press.
- Caminha, I. O. (2019). *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Vozes.
- Canuto, R. M. S., Ferreira, A. C. L., Novaes, L. F., & Salles, R. J. (2023). O processo de luto em familiares de vítimas da COVID-19. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(2), 746-765. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77710>
- Canuto, L., & Oliveira, A. (2020). Métodos de revisão bibliográfica em estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26, 82. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82>
- Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: Entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, 34(99), 209–224. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>
- Carmo, M. A. S. (2022). Luto: Da compreensão patológica à experiência do enlutado. In A. M. C. Feijoo (Org.), *Reflexões sobre o luto e práticas clínicas: Atendimentos clínicos supervisionados pela Professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e Estudos convidados*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Casellato, G. (2020). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Cerbone, D. R. (2006). *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- Cruz, C. et al. (2024). Revisão de escopo. Estudantes para as melhores evidências (EME) Cochrane. Recuperado de <https://eme.cochrane.org/revisao-de-escopo/>.
- Cruz, P. S. G. (2021). De Marielle Franco a Cleonice Gonçalves e Miguel: A interseccionalidade como ferramenta analítica na elaboração de políticas públicas efetivas. *Fe Pública*. Recuperado de <https://www.fe.unicamp.br/fe-publica/publicacoes/de-marielle-franco-a-cleonice-goncalves-e-miguel-a-interseccionalidade-0>
- Cipolleta, S., Entili, L., & Filisetti, S. (2022). Uncertainty, shock and anger: Recent loss experiences of first-wave COVID-19 pandemic in Italy. *Jornal de Psicologia Social Comunitária e Aplicada*, 32. <https://doi.org/10.1002/casp.2604>

- Cobra, R. Q. (2005). Fenomenologia. *Internet*, Brasília. Recuperado de www.cobra.pages.nom.br
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-5267200500100003&lng=p
- Derbli, M. (2011). Uma breve história das revisões do DSM. *ComCiência*, (126).
- Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S., Vieira, L. C., Cortes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. M., Rodrigues, L. R., Domingues, J. F. R., Dantas, J. E., Portella, I., & Ponte, C. R. M. S. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: Desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>
- Souza, É. S. (2023). Vítimas da Covid-19: A resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia [Dissertação de Mestrado]. Recuperado de <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/21827>
- Farinasso, A. L. da C., & Labate, R. C. (2012). Luto, religiosidade e espiritualidade: Um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, 14(3), 588–595. <https://doi.org/10.5216/ree.v14i3.14453>
- Feijoo, A. M. C., & Pietrani, E. E. (2022). Morte, luto e psicoterapia em tempos de covid-19. In A. M. C. Feijoo (Org.), *Reflexões sobre o luto e práticas clínicas: Atendimentos clínicos supervisionados pela Professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e estudos convidados*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Franco, M. H. (2021). *O luto no Século 21: Uma compreensão do fenômeno*. São Paulo: Summus.
- Freitas, J. (2022). O luto na pandemia de covid-19: Entrelaçamentos entre experiência vivida e o horizonte pandêmico. In A. M. C. Feijoo (Org.), *Reflexões sobre o luto e práticas clínicas: Atendimentos clínicos supervisionados pela Professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e estudos convidados*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: Uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105. Recuperado em 27 de maio de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&tlng=pt
- Freitas, J. L. (2018). Luto, pathos e clínica: Uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP (Online)*, 29(1), 50-57. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>
- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify.

- Fernández, H., & Falcón, C. (2021a). Ninguém deve morrer sozinho: Solidão e uma morte digna durante a pandemia de covid-19. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. <https://doi.org/10.1177/00302228211048316>
- Fernández, H., & Falcón, C. (2021b). I can't believe they are dead: Death and mourning in the absence of goodbyes during the COVID-19 pandemic. *Health & Social Care in the Community*. <https://doi.org/10.1111/hsc.13530>
- Gamad, M. J. G., Managuio, P. D. V., Pastor, M. A. A., Ariola, A. G. G., Diane, M. G. A., & Silva, R. P. (2022). The lived experiences of bereaved Filipino families of the deceased due to the COVID-19 pandemic. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. <https://doi.org/10.1177/00302228221129669>
- Giamathey, M. E. P., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L. dos R., & Luna, I. J. (2022). Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: Possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, 26(spe), e20210208. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>
- Guerra-Ramirez, M., Rojas-Torres, I., & Tafur-Castillo, M. (2022). Significado del duelo frente al COVID en estudiantes y profesores de enfermería [Meaning of grief during COVID-19 in nursing students and professors]. *Revista Ciencia y Cuidado*, 19(3), 56-66. <https://doi.org/10.22463/17949831.3375>
- Guedes, D., & Moreira, V. (2009). El método fenomenológico crítico de investigación con base en el pensamiento de Merleau-Ponty. *Terapia Psicológica*, 27(2), 247-257. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082009000200010>
- Guerreiro, C., & Almeida, R. (2021). Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade*, 41(2), 49-74. <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>
- Goulart, A. C. (2005). Revistando a espanhola: A gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12(1), 101-142. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100006>
- Holanda, A. (2002). *O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia: A análise de um exemplo na exploração da loucura* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. <https://doi.org/10.14417/ap.176>
- Husserl, E. (1929). *Conferência de Paris*. Covilhã: Lusofiapress.
- Koury, M. G. P. (2010). Ser discreto: Um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 9(25). Recuperado de http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE_v.9_n.25_abril_de_2010.pdf

- Kuş, B., Doğan, A., Akarsu, R. H., & Yalman, E. (2022). Experiências de luto de famílias de indivíduos que morreram devido à doença do coronavírus-19: Um estudo qualitativo. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. <https://doi.org/10.1177/00302228221110334>
- Lee, S. A., & Neimeyer, R. A. (2020). Pandemic Grief Scale: A screening tool for dysfunctional grief due to a COVID-19 loss. *Death Studies*. <https://doi.org/10.1080/07481187.2020.185>
- Leminski, P. (2013). *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Luna, I., J. (2020). Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos e de apoio ao luto. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 46-60. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585>
- Maciel, E., Fernandez, M., Calife, K., Garrett, D., Domingues, C., Kerr, L., & Dalcolmo, M. (2022). A campanha de vacinação contra o SARS-CoV-2 no Brasil e a invisibilidade das evidências científicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 951-959. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022277.27902022>
- Matthews, E. (2011). *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes.
- Martinhago, F., & Caponi, S. (2019). Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29. <https://doi.org/10.1590/S0103-733120192>
- Merleau-Ponty, M. (1984). *O visível e o invisível* (J. A. Gianotti & A. M. d'Oliveira, Trad., 4ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva. (Original publicado em 1964)
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes.
- Melo, A. K. S., Paiva, J. R., & Moreira, V. (2015). A noção de sofrimento: Possível contribuição da lente fenomenológica dos múltiplos contornos. *Revista de Psicologia*, 6. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view>
- Michel, L. H. F., & Freitas, J. de L. (2019). A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: Possíveis contribuições de Tatossian. *Psicologia USP*, 30, e180185. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180185>
- Moura, E. C., Cortez-Escalante, J., Cavalcante, F. V., Barreto, I. C. H. C., Sanchez, M. N., & Santos, L. M. P. (2022). Covid-19: Evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas no Brasil, 2020–2022. *Revista Saúde Pública*, 56, 105. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056002827>
- Najafi, F., Mardanian Dehkordi, L., Khodayari, S., Jaafarpour, M., & Nasrabadi, A. N. (2023). Nurses' bereavement experiences of a deceased colleague due to COVID-19:

- A phenomenological study. *Nursing Open*, 10(11), 7233–7243. <https://doi.org/10.1002/nop2.1976>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2020). Coronavírus (COVID-19) events as they happen. Recuperado de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>
- Ostadhashemi, L., Alipour, F., Ahmadi, S., Khoshnami, M. S., Arshi, M., & Javadi, S. M. H. (2022). Complicated grief: The lived experiences of those bereaved by COVID-19. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. <https://doi.org/10.1177/0030222822111470>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., et al. (2022). A declaração PRISMA 2020: Diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 46, e220031. <https://doi.org/10.26633/RPSP.202>
- Parkes, C. M. (2006). *Amor e perda*. São Paulo: Summus.
- Ricon-Ferraz, A. (2020). As grandes pandemias da história. *Ciência e Educação*, 8(2), 25-38. <https://doi.org/10.24927/rce2020.025>
- Sanches, K. S., Teixeira, P. T. O., & Rabin, E. G. (2018). The scenario of scientific publication on palliative care in oncology over the last 5 years: A scoping review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, e03336. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017009103336>
- Selman, L. E. et al. (2022). Factors associated with poorer experiences of end-of-life care and challenges in early grief: Results from a national online survey of bereaved people during the COVID-19 pandemic. *Palliative Medicine*, 36(4), 717-729. <https://doi.org/10.1177/02692163221104783>
- Schwarcz, L. M., & Starling, M. H. (2020). *A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Statz, T. L., Kobayashi, L. C., & Finlay, J. M. (2023). Losing the illusion of control and predictability of life: Experiences of grief and loss among ageing US adults during the COVID-19 pandemic. *Ageing and Society*, 43, e987–e1005. <https://doi.org/10.1017/S0144686X210018>
- Silva, N. A. C., & Freitas, J. L. (2019). "A questão da técnica" em Heidegger: Considerações sobre a clínica psicológica. *Revista do NUFEN*, 11(1), 137-156. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46>
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa qualitativa: Definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 93-108.
- Marques, J. P. (2019). O luto e os desafios da sua adaptação: Estudo qualitativo sobre a experiência do luto [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório

da Universidade de Lisboa.
<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/42230/1/JoanaPMarques.pdf>

- Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (Orgs.). (2022). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: Populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Moreira, V. (2017). *Clínica humanista-fenomenológica: Estudos em psicoterapia e psicopatologia*. França: MJW Fédition.
- Telles, M., & Moreira, V. (2014). A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 205-212. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ptp/a/wBVvQZkVTmJ5vTvjSHrx5mL/?format=pdf>
- Mortazavi, S. S., Shahbazi, N., Taban, M., Alimohammadi, A., & Shati, M. (2021). Mourning during corona: A phenomenological study of grief experience among close relatives during COVID-19 pandemics. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 87(4), 1088-1108. <https://doi.org/10.1177/00302228211032736>
- Venancio, M., & Oliveira, C. (2018). A patologização do luto: Uma revisão dos manuais diagnósticos e estatísticos de transtornos mentais. In *Congresso Brasileiro de Psicologia – FAE - Pluralidades em Saúde Mental* (pp. 143-147). <https://cbpsifae.fae.edu/cbpsifae/article/view/50/49>
- Werneck, G. L., & Carvalho, M. S. (2020). A pandemia de COVID-19 no Brasil: Crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(5). Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1100955>
- Zahavi, D. (2019). *Fenomenologia para iniciantes*. Rio de Janeiro: Via Verita.